

FERNANDO VASCONCELOS BENEVIDES

LACE: o uso da Comunicação para a Educação

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho.

FORTALEZA – 2013

FERNANDO VASCONCELOS BENEVIDES

LACE: o uso da Comunicação para a Educação

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho (orientador)
Universidade Estadual do Ceará

Prof.^a Ms. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante (membro)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Leitão Araújo (membro)
Universidade Estadual do Ceará

FORTALEZA – 2013

Dedico este trabalho à educação pública de Fortaleza, torcendo para que, um dia, ela esteja num patamar de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Até hoje, mesmo depois de tantos trabalhos, projetos, viagens, aventuras e objetivos concretizados, quando paro para pensar qual foi o momento em que mais senti, literalmente, o meu corpo reagir a uma conquista, me lembro do momento em que estava sozinho em casa, o meu nome aparecia na tela do computador e era falado no rádio e os telefones não paravam de tocar, porém eu não tinha condições físicas de atender e quase cheguei a gritar por socorro.

Por tudo o que me levou ao que estou vivendo agora, devo agradecer, primeiramente, à Deus. Não me refiro à providência católica, budista ou de qualquer outra religião instituída. Mas, ao que abriu caminho quando não tinha mais saída, me fez crer que eu poderia estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, em uma mesma situação em momentos distintos e me fez perceber que eu posso alcançar muito mais do que resultados.

À Educadora 7 de Setembro, especialmente ao professor Silvio Mota, que deixou as portas abertas para mim e nada negou para que eu trilhasse o caminho que escolhi, além de ter sido parte dessa formação. Àqueles, como Sérgio Moura, que não fizeram muita coisa, apenas disseram: “Não desista”! À minha mãe que providenciou todas as mínimas e essenciais coisas para as quais eu não poderia desviar a atenção, ou não teria chegado aonde cheguei.

Ao curso de História da UECE que muito contribuiu para tudo isso, não só com disciplinas e certificados, mas com experiência de vida e, inclusive, com a idéia do tema desta monografia. Ao professor Riverson Rios que foi um excelente coordenador e esteve sempre disponível para resolver os problemas dos graduandos. Aos colegas de turma pelas ajudas prestadas e pelas tarefas em grupo, afinal o Jornalismo é um trabalho em equipe.

Ao professor Alexandre Barbalho que acreditou em mim e esperou mais de três anos para que este trabalho ficasse pronto. À Secretaria Municipal de Educação que financiou o andamento desta pesquisa. À ONG Encine, principalmente à Raquel Noronha, que, com afago e atenção, disponibilizou tudo que foi pedido para a produção desta monografia.

Aos amigos e colegas da TV Verdes Mares que, no final do curso, investiram em mim e complementaram essa formação com aquilo que nenhuma academia pode oferecer.

Por fim, à paciência, insistência e organização que tive por todo esse tempo e continuarei a ter na vida profissional. A todos que citei, prometo que vou buscar, com a minha profissão, ajudar o próximo e a sociedade. Aos que estão tentando entender alguma coisa, digo apenas que não importam os motivos, importa a gratidão. Muito obrigado!

“a comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo” (Paulo Freire)

RESUMO

Educação, Comunicação e Cidadania são conceitos e áreas de conhecimento estudados, na maioria das vezes, de forma separada. Contudo os três, além de se relacionarem, dependem um do outro para existir. Este trabalho se propõe a evidenciar essa relação de forma a mostrar a importância de incluir um indivíduo ao direito à Comunicação para que ele possa conquistar a Cidadania e o papel da Educação nesse processo. Essa relação é estudada tomando como exemplo o Projeto LACE (Laboratório de Comunicação Escolar) da organização não governamental Encine de Fortaleza. Esta pesquisa tem o objetivo de estudar, através do método de observação participativa, a repercussão do Laboratório de Comunicação na vida dos jovens que participam do projeto da Encine na escola municipal Tais Maria, a influência do LACE não só para os estudos desses jovens, mas também para a qualidade de vida, para a inclusão ao direito à comunicação e para a formação dessas pessoas enquanto cidadãos. Para isso, é feita uma análise do projeto dessa ONG, de que forma ele foi implantado no colégio Tais Maria, os resultados que obteve e as contribuições que tudo isso trouxe para a vida de alunos da rede pública de ensino. O trabalho aqui apresentado se vale da pesquisa qualitativa por meio de exame de documentos, entrevistas, observação em campo e diálogo bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Comunicação; Cidadania.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Introdução.....	08
Capítulo 1 – O surgimento do Projeto Lace.....	12
1.1 A relação Educação, Comunicação e Cidadania.....	12
1.2 A ONG Encine.....	22
1.3 O projeto Lace.....	26
Capítulo 2 – O Lace Tais Maria.....	35
2.1 A chegada do Lace nas escolas.....	35
2.2 A formação de educadores.....	43
2.3 As produções do Lace Tais Maria.....	50
Capítulo 3 – Um novo espaço dentro da escola.....	56
3.1 A utilização do laboratório de comunicação da instituição Tais Maria.....	56
3.2 Os resultados obtidos pela ONG.....	61
3.3 As contribuições do Lace.....	68
Conclusão.....	76
Referências.....	80
Anexos.....	83

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de um estágio na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME), iniciado em janeiro de 2010. Fui selecionado para cumpri-lo enquanto estudante do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Ceará. Nesse estágio, eu precisava realizar pesquisa de iniciação científica em escolas da rede pública de ensino municipal.

Daí, fui designado a acompanhar o desenvolvimento do Projeto Lace (Laboratório de Comunicação Escolar), da organização não governamental Encine, que, na época, estava iniciando sua segunda edição em duas instituições da prefeitura, além de outros dois colégios estaduais, com apoio da SME. Assim, fiquei a cargo de estudar o projeto como um todo, porém dando maior atenção ao andamento dele nas escolas municipais.

Devido a todo o trabalho que seria realizado, o professor Alexandre Barbalho me sugeriu que eu aproveitasse a tarefa de acompanhar esse projeto para transformá-la no trabalho de conclusão da graduação. Abracei o conselho. A princípio, a idéia era adaptar os trabalhos do estágio para serem empregados na minha monografia do curso de História.

Contudo, depois de começar a pensar o projeto de pesquisa, a proposta não me ficou satisfatoriamente viável. A pesquisa do estágio enfocava bastante na relação Educação e Comunicação, mas não tinha uma discussão da História a ser levantada, a não ser que o enfoque fosse mudado, mesmo a discussão em torno da Educação já sendo suficiente para a conclusão de um curso de licenciatura.

Por isso, resolvi usar os trabalhos do estágio na SME para elaborar esta monografia de conclusão da graduação em Comunicação Social. Na época, estava no terceiro semestre do curso de Jornalismo e ainda não tinha decidido o tema que iria abordar no trabalho de conclusão da Comunicação. Embora fosse muito cedo para decidir, a idéia veio a calhar, e, assim, começou a surgir o projeto de pesquisa.

Neste trabalho, me proponho a analisar a repercussão, os resultados, do Projeto Lace, especificamente, na escola municipal Tais Maria. O objetivo é estudar as contribuições desse Projeto na vida de professores e, principalmente, alunos dessa instituição de ensino. Assim, vamos avaliar, aqui, a influência da ação da ONG Encine não só na questão do desempenho escolar, mas também para a qualidade de vida, para a inclusão ao direito à comunicação e para a formação dessas pessoas enquanto cidadãos.

Para isso, no primeiro capítulo, é feita uma abordagem teórica dos preceitos que são adotados pela ONG para justificar a realização do projeto em estudo, no caso uma análise da relação entre Comunicação, Educação e Cidadania. Depois, é feito um levantamento de como surgiu a Encine para se chegar até a criação do Projeto Lace. A partir daí, com base no planejamento do projeto feito pela ONG, é feita uma explicação detalhada do que é o Lace, como ele acontece e quais os objetivos ele tem.

No segundo capítulo, saindo da teoria e do planejamento e entrando na prática, é relatado, com base em entrevistas e no acompanhamento feito pelo próprio pesquisador, como se deu todo o processo de chegada do Projeto Lace na escola Tais Maria, de que forma tudo ocorreu e por que. É relatado ainda o desenrolar das atividades, o dia a dia da ONG dentro da escola e como o projeto foi recebido e abraçado por alunos e professores.

No último capítulo, após a conclusão das atividades previstas pela Encine, é analisada a apropriação, por parte da comunidade escolar, do que a ONG deixou na instituição de ensino. A partir disso, é avaliado se a Encine conseguiu, na escola Tais Maria, atingir os objetivos que tinha traçado com o Projeto Lace. Depois disso, com base nas entrevistas, observações do pesquisador e em autores que estudam Educação e Comunicação, são ponderadas as contribuições do Projeto Lace para a vida dos estudantes da escola Tais Maria.

Esta pesquisa foi realizada através do método de observação participativa. Como eu era estagiário da SME e estava acompanhando o Projeto Lace, tive acesso a todas as atividades da ONG realizadas com professores e alunos da escola Tais Maria e, também, interagi com os participantes durante as formações em que estive presente, além de ter aproveitado esses contatos para entrevistar membros da ONG, professores e alunos, realizando um total de nove entrevistas durante a realização do projeto e outras quatro depois que o Lace foi concluído. Para preservar a identidade dos estudantes que foram entrevistados, são usados nomes fictícios para se referir a eles por se tratar de menores de idade.

A observação participativa é um método que, segundo Cicourel (1980), o observador, por está analisando dentro do contexto, interfere e é interferido pelo objeto. Dessa forma, ele consegue, pela proximidade com os sujeitos da pesquisa, informações peculiares que não conseguiria se estivesse observando de fora. Além disso, por estar dentro da situação, pode comparar aquilo que o entrevistado diz com aquilo que ele faz.

Assim, a observação participativa permite, na coleta em campo, uma abundância de subsídios para a pesquisa. A maior parte das análises acerca de aspectos do Projeto Lace feitas neste trabalho são fundamentadas nos relatos dos entrevistados. De acordo com o que

observei em cada visita, tanto à sede da Encine como ao colégio Tais Maria, foi feito um diário de pesquisa que foi usado como base para relatar o dia a dia do Lace neste trabalho.

Por isso, esta pesquisa tem um caráter qualitativo, pois procura responder questões muito particulares de forma subjetiva, e não através de dados ou resultados que podem ser quantificados. Afinal, a pergunta central é como o Projeto Lace trouxe contribuições para a vida de alunos e professores, e a resposta disso não pode ser enumerada. Dessa forma, o que nos leva, aqui, a ter quaisquer conclusões são as falas dos próprios envolvidos no Projeto Lace.

Devido ao envolvimento com o projeto, a Encine disponibilizou diversos documentos do Lace para análise nesta pesquisa como relatórios, ementas, questionários, listas etc. Foi disponibilizado também o projeto, por escrito, do Lace feito pela ONG para conseguir auxílios com patrocinadores. O mesmo foi rigorosamente estudado e, por vezes, é citado neste trabalho.

Por conta desse documento, foi possível detalhar a implantação e o funcionamento dos Laboratórios de Comunicação Escolar que explicaremos no primeiro capítulo. Ainda devido ao acompanhamento, tivemos acesso aos trabalhos feitos pelos estudantes dentro das atividades desenvolvidas pela ONG na escola. Cópia de alguns desses documentos e produções dos alunos foram colocadas nos anexos deste trabalho.

Em janeiro de 2012, após a segunda edição do projeto Lace ter sido concluída, a sede da organização Encine, na época situada no bairro Papicu, em Fortaleza, foi completamente saqueada. O fato aconteceu durante uma greve da Polícia Militar em que a cidade sofreu uma onda de arrastões. Por isso, a ONG perdeu a maior parte da documentação referente ao projeto. Contudo, isso não interferiu na conclusão deste trabalho, mesmo porque alguns desses arquivos já tinham sido copiados.

Mesmo após o término do projeto, foram realizadas visitas à escola Tais Maria com o intuito de verificar o que mudou na instituição com a passagem do Lace e, assim, analisar as contribuições do projeto para o cotidiano escolar. Dessa forma, este trabalho, que começou em janeiro de 2010 e está sendo concluído agora, fevereiro de 2013, levou mais de três anos para que todas as informações pudessem ser coletadas necessariamente dentro de contextos específicos. Porém, a rotina de emprego e duas faculdades que até então era vivida pelo pesquisador também contribuiu para que o trabalho demorasse a terminar, pois, em alguns períodos, a pesquisa teve que ficar parada. Contudo, em todos os momentos, se procurou saber o que estava acontecendo na escola Tais Maria.

Por fim, espero, com este trabalho, contribuir para as discussões em torno da relação Comunicação e Educação, debate que está cada vez mais presente no meio acadêmico e do qual a sociedade precisa que saiam ações e soluções para a melhoria da qualidade de ensino, tornando a educação, de forma geral, mais eficiente na preparação dos indivíduos para enfrentar os obstáculos sociais que lhes impedem de viver dignamente.

CAPÍTULO 1 – O surgimento do Projeto Lace

A educação pública de Fortaleza sofre, há muitos anos, com altos índices de defasagem escolar e alunos fora da idade série. Além de tudo isso, muitos jovens terminam o ensino fundamental sem uma formação cidadã, sem uma preocupação e um preparo para lidar com o bem estar da sociedade.

Diversas propostas para mudar o padrão de educação convencional já foram levantadas, mas poucas foram colocadas em prática na educação pública. Neste primeiro capítulo, vamos relatar como se chegou até o projeto Laboratório de Comunicação Escolar (Lace) da Organização Não Governamental (ONG) Encine na cidade de Fortaleza.

Esse projeto propõe uma nova forma de trabalhar a educação com o intuito de melhorar os resultados dela em diversos aspectos e tem sido colocado em prática desde o ano de 2007. Ele já teve duas edições. Contudo, neste trabalho estudaremos o andamento desse projeto a partir do ano de 2010, ano de implantação de sua segunda edição.

1.1 A relação Educação, Comunicação e Cidadania

Desde o momento em que os seres humanos passaram a viver em sociedade, eles se comunicam entre si de formas bastante variadas para poder transmitir informações e conhecimentos. Dessa forma, surge o questionamento se educar não é uma forma de comunicar e vice-versa. Essas duas áreas, Comunicação e Educação, estão relacionadas e permeiam todas as atividades humanas. A mídia exerce um papel de formação da sociedade, e o ensino precisa de uma transmissão de conhecimento.

Os meios de comunicação difundem informações e valores comportamentais que influenciam a forma como o seu público deve agir. Assim, juntamente com a família, a escola e as relações públicas, os meios de comunicação são responsáveis por educar o sujeito, ou seja, transformá-lo em um indivíduo que irá interagir com os demais conforme preceitos estabelecidos.

Já a aprendizagem, precisará da Comunicação nem que seja somente através da fala do professor ou da escrita do livro. Além disso, a comunicação realizada pela mídia, de uma

forma geral, interfere na atividade escolar uma vez que alunos, professores e funcionários são telespectadores, ouvintes, leitores, internautas etc. Esses indivíduos levam para a escola os pensamentos que adquirem nos meios de comunicação e, muitas vezes, agem no ambiente escolar conforme essas idéias que lhes são transmitidas.

Assim, a formação de uma pessoa para conviver com a sociedade é algo passivo, que depende dos conhecimentos obtidos de forma mediada pelos meios de comunicação, escola, família, amigos etc. Todos estes compartilham responsabilidades no processo de educar. O indivíduo só passa a agir de forma ativa na sociedade a partir do momento que é criador de seus próprios conteúdos e pensamentos e passa a difundir estes para outras pessoas.

Dessa forma, para garantir uma participação ampla e ativa da população na sociedade, é preciso assegurar o direito não só à Educação, mas também o direito à Comunicação, pois ambas estão profundamente ligadas. Segundo Paulo Freire, “a comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo” (FREIRE apud PERUZZO, 2001). Esta frase sintetiza a complexidade das inter-relações entre Comunicação e Educação. Essa relação também existe em outros espaços, como nas práticas de movimentos sociais. Falaremos mais sobre este aspecto no próximo tópico.

O pesquisador argentino Mário Kaplún é o criador do termo “Educomunicação”, que identifica a área “Educação para a Comunicação”. Em 1999, o pesquisador da Universidade de São Paulo, Ismar de Oliveira Soares, criou uma redefinição para essa palavra: “a Educomunicação pode ser definida como toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos”. Ou seja, para Ismar de Oliveira, Educomunicação engloba todos os aspectos que envolvem a relação das áreas Educação e Comunicação. Aspectos esses que antes eram estudados de forma separada.

A Educomunicação, na verdade, é um termo batizado. Ele é um tema que foi difundido, ele foi abraçado pelo professor Ismar Soares e está sendo muito trabalhado lá na ECA¹, lá na USP, inclusive, agora, com o curso chamado curso de Educomunicação. Ou seja, criaram uma área mesmo. Muitos autores, se você for pros autores latino-americanos, poucos vão ser os que utilizam esse termo, Educomunicação, pouquíssimos. Você pode encontrar o tema: Mediação Educativa, Comunicação Educativa... Media Education, Media Literacy.²

¹ Mais informações sobre a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e sobre Educomunicação podem ser acessadas no site <<http://www.usp.br/nce>>.

² Declaração do pedagogo e pesquisador em Comunicação Ives Albuquerque durante entrevista concedida para esta pesquisa no dia primeiro de outubro de 2012, às 14h, na antiga sede da ONG Encine em Fortaleza.

Para Ismar de Oliveira, a Educomunicação engloba tanto o aspecto de educar para fazer Comunicação quanto o de comunicar para educar, além do aspecto de educar para consumir Comunicação que será mais bem discutido no final deste tópico. Assim, Educomunicação é um campo de conhecimento e, também, uma prática política direcionada à transformação da sociedade com foco em duas demandas:

a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social (...) e a concretização de utopias sociais, mais claramente postas no campo da ecologia, de uma educação de qualidade e de uma comunicação participativa e democrática. (SCHAUN, 2002, p. 82)

Segundo Cicilia Peruzzo, o direito à Comunicação não se refere apenas ao direito de ter acesso às idéias e informações, de ser comunicado, mas também ao direito de propagar idéias e informações, de poder comunicar.

As liberdades de informação e expressão postas em questão na atualidade não dizem respeito apenas ao acesso da pessoa à informação como receptor, nem apenas do direito de expressar-se por “quaisquer meios” – o que soa vago –, mas de assegurar o direito de acesso do cidadão e de suas organizações coletivas aos meios de comunicação social na condição de emissores – produtores e difusores – de conteúdos. (PERUZZO, 2004, p. 57)

Até o século passado, só tinha pleno acesso a esse direito quem comandava os grandes veículos de comunicação, ou seja, no Brasil, de forma geral, algumas famílias da classe abastada. Atualmente, com o crescimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), principalmente da internet, o direito à Comunicação foi ampliado. O advento da Web 2.0³ facilitou a publicação de produtos culturais na internet.

Qualquer pessoa tem a possibilidade de postar textos, fotos, vídeos, dentre outros, na rede e deixar essas produções expostas para o público. Esse fato é criticado pelo escritor Andrew Keen em seu livro “O Culto do Amador”, onde o autor afirma que a internet está causando uma valorização de produtos culturais feitos por amadores em detrimento de produções feitas por profissionais. “É uma mistura de ignorância com egoísmo, mau gosto e ditadura das massas” (KEEN, 2009, p. 7). “Em vez de usá-la para buscar notícias,

³ Web 2.0 é um termo criado em 2004 pela empresa americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web como plataforma", envolvendo wikis, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações. (Definição tirada do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0> acessado em 30 de maio de 2011 às 10 horas).

informações ou cultura, nós a usamos para sermos de fato a notícia, a informação, a cultura” (KEEN, 2009, p. 12).

Para Andrew Keen, essa valorização pode causar a extinção de produtos culturais de qualidade, fazendo com que a sociedade não tenha mais profissionais como artistas, jornalistas, escritores, dentre outros, mas, apenas, amadores. Assim, segundo o autor, não seria possível confiar na veracidade de nada que é publicado na internet.

Trazendo esse ponto de vista de Andrew Keen para a realidade brasileira, perceberemos que os amadores terão uma maior dificuldade para dominarem a cultura do país. Segundo o IBGE, Censo 2000, apenas 10,6% dos domicílios possuem computador. Ou seja, a maior parte das informações e produtos culturais consumidos pelos brasileiros não vem da internet, e sim dos grandes meios de comunicação tradicionais como o rádio e a televisão. De fato, muitas pessoas, até então anônimas, estão tendo a oportunidade de expor sua arte e opinião através de blogs, vídeos no Youtube, dentre outros. Contudo, essas pessoas são exceções.

Devido à grande exclusão digital imperante no Brasil, a maior parte da população possui acesso a produtos culturais e informações de forma mediada. Ou seja, em pleno ano de 2012, temos uma população de meros expectadores. São pessoas que assistem a filmes, programas de televisão etc, mas não participam da elaboração desses produtos e não têm a oportunidade de criar seus próprios produtos culturais, de falar o que pensam e de expor a sua criatividade.

Assim, com o advento da internet há mais de uma década, a exclusão digital está provocando não só a restrição ao uso do computador e a navegação na rede, mas também a restrição a um direito básico de todo cidadão, o direito à comunicação. Temos uma população calada que tem o direito de liberdade de expressão assegurado pela Constituição, mas não pode fazer uso dele por não saber como se comunicar. “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.⁴

Além disso, muitas vezes, os expectadores também não têm como escolher o que vão assistir. Devido ao fato de os grandes meios de comunicação serem dominados por poucas famílias, o público não tem muitas opções do que vai consumir. Sem uma orientação mais crítica e informação adequada, a população acaba, em sua maioria, consumindo repetidamente os produtos culturais de um mesmo veículo. Essas pessoas desconhecem os prejuízos que certos produtos culturais da grande mídia podem causar, principalmente, às crianças e

⁴ Artigo 5º do Capítulo I da Constituição Brasileira de 1988.

adolescentes, como comportamentos violentos, alienação etc. Ou seja, é necessária uma educação para a produção e para o consumo de mídias.

Caso a maior parte da população fosse incluída digitalmente, estaria sendo dada a essas pessoas a oportunidade de se comunicar, de publicar seus textos, seus vídeos, de expor suas fotografias etc. Esses produtos culturais estariam no que o escritor Chris Anderson chama de a “Cauda longa⁵” de um gráfico que retrata o consumo desses produtos. Ou seja, essas produções estariam sendo vistas por poucas pessoas em meio a uma infinidade de produtos culturais, comparando com o consumo de produções dos grandes veículos de comunicação.

Mesmo assim, por meio de uma inclusão digital, a população estaria tendo a oportunidade de se comunicar, podendo ter a chance de suas produções serem vistas por outras pessoas, ganhar popularidade e atingir mais amplamente a sociedade. A oportunidade de se ter uma chance é melhor do que não poder se quer manusear um computador e ser um mero receptor de produtos culturais e informações de terceiros.

Para tudo isso, é necessária a valorização do que o escritor Lawrence Lessig chama de Cultura Livre⁶ na internet. O uso de softwares livres ajuda à promoção de uma maior inclusão digital, visto que para a instalação e utilização desses produtos nos computadores não é preciso pagar por eles. Assim, possibilita que pessoas de camadas sociais mais humildes possam produzir mídias, já que existe software livre de sistemas operacionais, navegadores de internet, editores de texto, imagens, vídeos etc. Dessa forma, esses softwares dão a oportunidade a qualquer pessoa que saiba mexer no computador a poder se comunicar, se expressar.

Além disso, a licença Creative Commons⁷, outra estratégia para a promoção da Cultura Livre, possibilita que produtos culturais sejam vistos abertamente pelo público,

⁵ Segundo Chris Anderson, Cauda longa (Long Tail) é um termo usado para descrever a estratégia de negócios voltada para nichos de mercado, em vez de privilegiar somente grande hits ou best-sellers. Tal estratégia só é possível com o advento da internet, pela inexistência da limitação do espaço físico para exibição de produtos em lojas virtuais.

⁶ Segundo Lawrence Lessig, a Cultura Livre é a visão da cultura promovida por um heterogêneo movimento social baseada na liberdade de distribuir e modificar trabalhos e obras criativas.

⁷ O Creative Commons é um projeto global, presente em mais de 40 países, que cria um novo modelo de gestão dos direitos autorais. No Brasil, ele é coordenado pela Escola de Direito da Fundação Getulio Vargas no Rio de Janeiro. Ele permite que autores e criadores de conteúdo, como músicos, cineastas, escritores, fotógrafos, blogueiros, jornalistas e outros, possam permitir alguns usos dos seus trabalhos por parte da sociedade. Assim, se eu sou um criador intelectual, e desejo que a minha obra seja livremente circulada pela Internet, posso optar por licenciar o meu trabalho escolhendo alguma das licenças do Creative Commons. Com isso, qualquer pessoa, em qualquer país, vai saber claramente que possui o direito de utilizar a obra, de acordo com a licença escolhida. (Definição tirada do site <http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=42&Itemid=80> acessado em 30 de maio de 2011 às 9 horas).

trazendo uma maior diversificação de mídias para a população. Dessa forma, aumenta para a sociedade as opções de produções artísticas e culturais, diminuindo a hegemonia dos grandes veículos de comunicação. Uma maior diversidade de produções aumenta as chances de o público ter acesso a produtos culturais educativos e de qualidade.

Segundo o escritor Nicholas Carr, autor do livro “The Shallows”, a internet está mudando o comportamento da sociedade. Em vez de a internet e a informática se adequarem aos nossos anseios, nós estamos nos adaptando às exigências impostas por elas. Quem já se acostumou a digitar no computador, tem dificuldades em escrever um texto longo cursivamente, sem poder utilizar as ferramentas: delete, backspace, desfazer, copiar e colar etc.

O mercado de trabalho tem exigido das pessoas certo domínio da internet, da informática e dos programas necessários para isso. Infelizmente, devido à exclusão digital mencionada anteriormente, poucos estudantes têm acesso a isso. São poucas as escolas públicas que possibilitam aos seus alunos acesso, por exemplo, à internet.

Segundo o Censo Escolar 2000 organizado pelo Ministério da Educação, apesar dos esforços recentes de vários governos, somente 37% dos estudantes de ensino médio estudavam em escolas com acesso à Internet. O censo apontou ainda que 56% dos matriculados no ensino médio integravam escolas com laboratórios de informática. Esse quadro se agrava no ensino fundamental, uma vez que somente 22% das crianças (8 milhões de alunos) estudavam em escolas com salas de informática e apenas 19% acessavam a Internet. É importante alertar que mesmo possuindo conexão e computadores várias escolas deixam estes equipamentos sem uso, em geral, pela falta total de formação dos professores e pela ausência de uma política educacional de uso da Internet como instrumento pedagógico e de reforço à pesquisa escolar. Muitas das salas de informática ficam trancadas e acabam sendo alvo de sucateamento e furto de equipamentos. (SILVEIRA, 2003, p. 21)

Além de não permitir uma participação mais ampla e ativa na sociedade e dificultar o ingresso ao mercado de trabalho, o não acesso ao direito à Comunicação, em sua totalidade, também restringe o direito à Cidadania. O conceito desta palavra tem origem na Idade Antiga, na Grécia Clássica, e representa os direitos e deveres que um indivíduo precisa ter para transpor as implicações para uma vida em sociedade. Dessa forma, ser cidadão é poder participar ativamente da sociedade. Para o senso comum, é o “direito de ter direito”.

A Comunicação Social é uma das formas pelas quais as pessoas podem exercer seus direitos e deveres. Por isso, se pararmos para observar bem, negar o direito à Comunicação é negar o acesso à Cidadania. Pois, negando o direito à Comunicação, estamos negando, ao mesmo tempo, vários direitos que, segundo a comunicóloga Geciola Fonseca Torres, são aspectos centrais relativos ao direito à Comunicação, como:

direitos à liberdade de opinião (sobre qualquer assunto público ou privado), à liberdade de expressão (utilizando-se de qualquer meio para exteriorizar suas idéias, sem censura prévia), à liberdade de difusão (através até da constituição de empresas de comunicação), à liberdade de informação (através do acesso, produção ou circulação de informações), direito ao acesso e uso dos meios de comunicação e das TICs, direitos culturais (de promover, preservar e participar da diversidade cultural, das artes e da ciência da comunidade, entre outras coisas), de proteção (como, por exemplo, contra comunicações discriminatórias, comunicações enganosas etc.), direitos coletivos (direitos das comunidades à comunicação), de participação (na produção de comunicação através da obtenção de capacidades técnicas e na decisão de questões relacionadas às TICs), entre outros. (TORRES, 2007, p. 24)

Como foi explicado anteriormente, para um total acesso ao direito à Comunicação, é necessário o acesso do indivíduo à possibilidade de produzir produtos comunicacionais para a mídia e que essas produções estejam acessíveis a qualquer outro membro da sociedade, qualquer outro cidadão, efetivando, assim, o acesso à Cidadania. Afinal, o indivíduo passa a poder interagir com a sociedade, podendo falar, escutar e ser escutado. Dessa forma, ele pode formar a sua identidade, construir e adquirir cultura e conhecimentos, como seus direitos e deveres, e usar isso para a procura por uma melhoria na qualidade de vida.

Um exemplo bastante conhecido da história do Brasil em que o bloqueio da Comunicação Social impediu o exercício da cidadania foi o período da Ditadura Militar. Já um exemplo que comprova claramente o exercício da cidadania por meio da comunicação é a ação de organizações do terceiro setor por meio da criação de seus próprios veículos de comunicação e as publicações que são feitas nestes, como as rádios comunitárias.

Ao longo da História, a noção de cidadania sofreu alterações. Segundo Alexandre Barbalho, atualmente, a idéia de cidadania é influencia do advento do Liberalismo após os movimentos surgidos na Idade Moderna, principalmente pela Revolução Americana de 1776 e a Revolução Francesa de 1789. O Liberalismo faz apologia à liberdade individual como princípio de cidadania, e a Revolução Francesa foi responsável por defendê-lo como universal.

Contudo, isso impede que a cidadania seja uma conquista de todos, universal, ou seja, faz com que os indivíduos não sejam igualmente cidadãos. “Pois, se é concedida a máxima liberdade, passa a existir o mais forte o mais fraco e se instaura a desigualdade” (BARBALHO, 2005, p.28). Isso faz com que haja aqueles que comunicam, por meio dos grandes veículos midiáticos, e aqueles que só podem consumir comunicação, que não tem condições de se expressar para o grande público. Por isso, a Cidadania deve ser acessível por todos, e não de livre acesso, em que somente um grupo seletivo de pessoas que tem melhores

condições poderá participar. “Afim, não seria o monopólio midiático o latifúndio contra o qual os “sem-voz” deveriam lutar?” (BARBALHO, 2005, p.38).

Seguindo esse raciocínio, chegamos a um ponto em que a Comunicação se relaciona mais uma vez com a Educação. Se o objetivo da educação, principalmente do Ensino Fundamental, é a formação do cidadão, conforme diz os artigos 2º e 32 da lei número 9394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), de 20 de dezembro de 1996, então se faz necessária uma educação para a produção e difusão de produtos comunicacionais. Afim, como foi discorrido anteriormente, negar o pleno direito à Comunicação é negar o acesso à Cidadania.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania (...)

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão⁸

Dessa forma, negar ao estudante da escola básica a inclusão digital, assim como o manuseio das diversas tecnologias da informação e comunicação, é impedi-lo de se tornar cidadão, de conquistar a cidadania. Afim, essas são, praticamente, as únicas ferramentas de produção e difusão de produtos comunicacionais que podem ser acessadas por qualquer pessoa, inclusive por quem não possui condições financeiras suficiente para se tornar dona de um veículo midiático de grande abrangência de público.

A participação das pessoas em um processo de comunicação permite a experiência de novas relações de sociabilidade construídas neste ambiente, como também possibilita que o cidadão se torne sujeito no seu processo de conhecimento, agregando novos elementos à sua cultura, pois essa participação tem um potencial educativo enquanto processo e pelo conteúdo das mensagens transmitidas. Por exemplo, a participação no processo, planejamento e gestão permite que as pessoas desmistifiquem os meios de comunicação e se sintam capazes de produzir aquilo do qual antes eram apenas receptores, tornando-se protagonistas da comunicação. Já em relação ao conteúdo das mensagens transmitidas elas podem, através do meio de comunicação, transmitir a história do país ou da região, os saberes e a cultura do povo, divulgar os artistas locais, informar sobre assuntos de interesse social, como campanhas educativas de prevenção a doenças, podem também facilitar a compreensão da política, dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos humanos e discutir os problemas locais, entre outros.

O aprendizado que ocorre nesse processo contribui para a constituição da cidadania, na medida em que fortalece as liberdades individuais e coletivas, traz uma maior consciência e participação política e estimula a luta pelo acesso a melhorias nas condições de vida, ou seja, é um exercício de direitos e deveres de cidadania. (TORRES, 2007, P. 29)

⁸ Artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, número 9394, de 20 de dezembro de 1996.

Contudo, para o estudante da escola básica ter acesso ao direito a Comunicação, não basta uma educação para a produção e difusão de produtos comunicacionais. É necessária também uma educação para o consumo da mídia. Pois, se o intuito do acesso à Comunicação é fazer com que o jovem tenha participação cidadã, ou seja, emita suas próprias idéias, esse jovem precisa ter uma consciência crítica em relação ao conteúdo, e a importância deste, que é veiculado nos meios de comunicação.

quando a gente apropria um jovem a trabalhar com um vídeo ou com fotografia, é fundamental, uma das bases desse trabalho, não é apenas o âmbito técnico. Para ele produzir, ele tem que saber, também, ler o meio. Ele tem que saber construir significado com ele, construir um discurso a partir dele. Para ele construir esse discurso, ele tem que saber decodificar. É esse processo de decodificação das mensagens dos meios de comunicação que alguns autores vão dizer que é a leitura crítica dos meios.⁹

Como foi exposto anteriormente, a mídia, junto com a escola, família, amigos etc, participa da formação educacional de um indivíduo. Assim, o que será transmitido nos veículos de comunicação são valores que participam da definição do caráter da pessoa. Se a conquista da cidadania está relacionada com a propagação de idéias próprias, essas idéias precisam ser formadas e vir à tona a partir da cabeça do indivíduo, e não ser uma reprodução dos pensamentos que já estão expostos na mídia. Pois, dessa forma, ele não estará tendo participação cidadã, afinal seu trabalho não interfere estruturalmente na sociedade. Ou seja, o consumidor de mídia, potencial produtor, deve encarar as produções midiáticas de forma crítica, e não apenas mediada.

Uma vez que o jovem não tem parâmetros críticos para assistir um programa de televisão, ouvir uma música, ver um filme, escutar um programa de rádio, dentre outros, ele acaba sendo influenciado pelos meios de comunicação, e sua contribuição cidadã pode, inclusive, acabar sendo barrada por uma alienação. O indivíduo que apenas consome as produções dos meios de comunicação, sem interagir, refletir, concordar, discordar, em fim, analisar o intuito daquilo tende a ser controlado por aquilo. Seus gostos e opiniões são moldados por conta das sensações que são provocadas pela mídia. Por isso, é preciso que ele saiba, por exemplo, identificar se um apresentador não está sendo sensacionalista, se o artigo do jornal está tendencioso, se a propaganda não está apelativa, se o conteúdo do rádio é de qualidade e assim por diante.

⁹ Declaração do pedagogo e pesquisador em Comunicação Ives Albuquerque durante entrevista concedida para esta pesquisa no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG Encine em Fortaleza.

A escola que não educa seus alunos para encararem a mídia criticamente estará formando produtores de mídia que tenderão a fabricar produtos conforme a grande mídia, e não de acordo com as idéias que surgem naturalmente da convivência deles com o ambiente e a sociedade. Ou seja, sem uma educação para o consumo, o estudante tende a reproduzir pensamentos que não são dele, não tendo, assim, uma participação ativa na sociedade, uma contribuição. Mas, apenas, o resultado de uma mediação, das idéias já estabelecidas por outras pessoas. Nessas condições, a pessoa fica impossibilitada de conquistar a cidadania, pois o que ela trás não contribui com a sociedade, só reproduz o que já existe.

O jovem fazendo um uso crítico da mídia não estará preso somente às idéias das grandes corporações de comunicação. Ele construirá suas idéias através de sua própria identidade, e isso refletirá em suas produções: seus vídeos, textos, reportagens, propagandas etc. Estas, além de adquirirem qualidade, não serão fruto do que já existe, e sim fruto da voz de um cidadão ativo na sociedade, que contribui, participa, para o desenvolvimento da convivência entre as pessoas, para a construção de um ambiente digno para viver. Estimular essa criticidade em relação à Comunicação deve ser um dos papéis da escola, afinal o intuito dela é formar cidadãos.

Ou seja, entender a potencialidade das mídias como linguagem que amplia repertórios culturais, desencadeia novas sensibilidades, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação, e, por fim, contribui para a educação para a cidadania. (TORRES, 2007, p. 35)

Assim, se a escola é o lugar de preparar o jovem para a cidadania, o cotidiano da escola deve incluir o jovem no mundo digital e tecnológico, onde está a Comunicação, e, como já foi falado, imbuí-lo de criticidade perante os meios de comunicação, refletindo com os estudantes sobre a lógica das tecnologias de Comunicação, seus processos e sua participação nos campos político-social e econômico.

Com conhecimento e meios, ferramentas de atuação, o jovem tem condições de “ganhar o mundo”, de conquistar a cidadania.

1.2 A ONG Encine

Se ser cidadão é ter plenas condições de participar da sociedade, dentre essas condições poder se comunicar amplamente, podemos dizer que aqueles que são excluídos da sociedade, as minorias, não conquistaram a cidadania. Para Muniz Sodré (2005), o conceito de minoria não se refere, apesar do nome em si, a uma pequena quantidade de gente. Pelo contrário. Para Sodré, esse não é um conceito quantitativo, e sim qualitativo.

Ou seja, para o pesquisador, os excluídos socialmente, negros, homossexuais, pobres, jovens, etc são minorias porque participam de forma minoritária das decisões sociais, mesmo sendo, numericamente, a maior parte da população de um país como o Brasil. Assim, por não participarem das decisões, não participam da sociedade e são excluídos. Não exercem, de fato, a cidadania. Suas opiniões e pensamentos são colocados em segundo plano pelos meios de comunicação.

Ora, a noção contemporânea de minoria – isso que aqui se constitui em questão – refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas etc (SODRÉ, 2005, p. 11).

Com o advento do liberalismo, movimentos sociais organizados têm surgido ao redor do mundo com o passar dos anos, reivindicando direitos fundamentais à pessoa humana, muitos desses direitos são negados às minorias. As organizações não governamentais (ONGs) são um exemplo dessas manifestações sociais em prol de direitos humanos, assim como da ampliação da conquista aos direitos de cidadania.

A expressão foi criada na década de 40 pela Organização das Nações Unidas (ONU), definida como:

organizações formais, privadas, porém com fins públicos e sem fins lucrativos, autogovernadas, objetivando realizar mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, prestação de serviços e apoio material e logístico para populações-alvos específicas ou para segmentos da sociedade civil, tendo em vista expandir o poder de participação destas com o objetivo último de desencadear transformações sociais ao nível micro (do cotidiano e/ou local) ou ao nível macro (sistêmico e /ou global). (SCHERER-WARREN apud GOHN, 1997, p. 55)

As primeiras ONGs brasileiras que se tem notícia surgiram na década de 60. Após o Regime Militar, a quantidade aumentou significativamente. O intuito de uma ONG é propor soluções para algum problema ou falta na sociedade. No caso desta pesquisa, iremos analisar a atuação da ONG Encine, da cidade de Fortaleza, por meio de um dos seus projetos, o Laboratório de Comunicação Escolar (Lace). Essa ONG trabalha com estudantes de baixa renda da rede pública de ensino.

As ações desenvolvidas pela Encine são orientadas pela práxis educativa freiriana, não considerando o adolescente como mero “público alvo” das produções da mídia ou receptores passivos de conteúdos, mas como seres capazes de construir conhecimentos, de agir com a autonomia necessária a uma inserção mais atuante na sociedade, incentivando sua capacidade de produção, através da reflexão e do diálogo. Os adolescentes, partindo de sua própria realidade, de seus contextos sócio-históricos, de suas próprias escolhas e práticas, analisam e vivenciam como as mensagens e gêneros da mídia são formados e passam a produzir uma comunicação própria, crítica e criativa. Além disso, as ações da Encine objetivam construir uma nova forma de fazer comunicação preocupada com a construção de uma sociedade autônoma e sustentável, uma vez que todos os produtos comunicacionais são produzidos por cidadãos e cidadãs que têm voz, idéias, desejos e direito à comunicação.¹⁰

Dessa forma, a Encine procura trabalhar justamente com a relação explanada no tópico anterior: a Educação para a Comunicação com o objetivo de proporcionar a conquista da Cidadania. Ela proporciona meios para que os alunos participantes de seus projetos possam produzir trabalhos de Comunicação com autonomia e consumir criticamente o que é exposto na mídia pelas empresas de Comunicação, além de realizar produtos comunicacionais educativos. Portanto, essa ONG trabalha com Educomunicação, conceito explicado no tópico anterior. Ela coloca a teoria em prática, provando que Educação e Comunicação são áreas interligadas.

O Encine é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, laica, apartidária, fundada em 1999 e que promove atividades educacionais, lúdicas, culturais e de socialização com crianças e adolescentes de escolas públicas e/ou em situação de risco pessoal e social, utilizando as tecnologias de informação e comunicação (vídeo, televisão, rádio, internet, etc.). Buscando através dessas atividades o engrandecimento do ser humano como um elemento ativo na mudança de sua realidade social, a formação de uma criança ou um adolescente que seja crítico e socialmente ativo na comunidade em que está inserido.¹¹

¹⁰ Retirado da página 7 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

¹¹ Histórico da Encine disponibilizado pela coordenadora pedagógica da ONG, Raquel Noronha, para esta pesquisa.

Trabalhando com alunos da rede pública de ensino, essa organização procura atingir uma minoria (seguindo o conceito de Muniz Sodré) da sociedade que não tem participação cidadã, visto que se trata de uma parcela da população que não tem pleno acesso ao direito à Comunicação numa cidade que está entre as mais desiguais do mundo¹². Dessa forma, o problema social combatido pela ONG Encine é o acesso das crianças e adolescentes de baixa renda à Cidadania e aos Direitos Humanos por meio do acesso à Comunicação. A Encine busca, através de suas atividades e projetos, “o engrandecimento do ser humano como um elemento ativo na mudança de sua realidade social e a formação de uma criança ou um adolescente que seja crítico e socialmente ativo na comunidade em que está inserido”¹³.

O Encine busca atingir esse objetivo através de um conjunto de ações orientadas pela idéia de que o ato da comunicação é o que impulsiona o ser humano a enfrentar obstáculos e desafios. Entre essas ações destacam-se mostras, cursos, concursos, exposições, peças teatrais, produção de filmes, vídeos (mais de 60 produções, entre desenhos animados, documentários e campanhas beneficentes), eventos, programas de rádio e televisão, entre outros. (TORRES, 2007, p. 61)

Em 1991 e 1992, surgiram, no Ceará, as primeiras ONGs dedicadas à criança e ao adolescente com trabalhos de Comunicação aliada à Educação. Foram elas, respectivamente, Comunicação e Cultura – Iniciativas Culturais e a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. As duas existem até hoje. Outras que também atuam no estado são: Catavento – Comunicação e Educação Ambiental; Alpendre – Casa de Arte, Pesquisa e Produção; Fábrica de Imagens – Ações Educativas em Cidadania e Gênero.

Além delas, como já foi mencionado, existe a Encine – Núcleo Sócio-Cultural de Arte Audiovisual, foco deste trabalho. Nessas ONGs, são desenvolvidos processos educativos no sentido da educação informal. Esses trabalhos caracterizam essas organizações como promotoras das relações entre Comunicação e Educação postas a serviço da conquista da cidadania dos jovens que participam dessas atividades.

A Encine foi fundada em 1999 por um grupo de cineastas de Fortaleza que coordenavam o Núcleo de Animação da Casa Amarela Eusélio de Oliveira, um departamento da Universidade Federal do Ceará que possui uma série de equipamentos e acervos audiovisuais. O grupo era formado por Ives Albuquerque, Téo Carvalho e Valdenor Xavier. Em maio de 1998, eles receberam um convite da Secretaria de Educação do Ceará para

¹² Segundo notícia do jornal O Globo disponível em < <http://oglobo.globo.com/economia/quatro-capitais-brasileiras-estao-entre-as-mais-desiguais-do-mundo-diz-onu-3036604>>, acessada em 26 de junho de 2012, às 20 horas.

¹³ Retirado da página 7 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

ministrar cursos que tratassem de novas técnicas educacionais através dos meios audiovisuais para 60 profissionais de educação da rede pública do estado. Esse foi o embrião da ONG Encine.

Na época, poucas pessoas, lá, se interessaram. Oficialmente, a Casa Amarela não se pronunciou muito. Eu gostei da idéia e preparei um seminário pra esses professores. Foram três dias de seminários. Na época, já se chamou Encine. Encine, utilizando os meios audiovisuais para o processo pedagógico. Foi em maio de 98. Foi um sucesso, muito bacana. Foi no Centro de Formação dos Professores. Eu convidei as pessoas... Enfim, Joe Pimentel, Alexandre Veras, Meize Regina que, hoje, é da UFC também.¹⁴

Cada cineasta elaborou uma palestra discutindo as possibilidades de usar uma diferente técnica de animação em sala de aula. O seminário chegou ao fim sem maiores repercussões, pois a Secretaria de Educação não deu continuidade ao projeto.

A idéia era de que isso se estendesse, tivesse desdobramentos. Mas, na época, o coordenador da Secretaria de Educação, parece que houve uma mudança lá, administrativa. Ai, parece que o projeto não encaminhou, e eu saí da Casa Amarela pra ir pro Dragão do Mar.¹⁵

Um ano depois, a partir das idéias surgidas no seminário, Ives, Téo e Valdenor resolveram criar uma ONG. O que motivou essa iniciativa foi a experiência que Ives Albuquerque teve realizando cursos de audiovisual no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, onde ele enxergou claramente a importância de jovens de baixa renda adquirirem a capacidade de se expressar através da mídia, do quanto aquilo era fundamental para uma sociedade melhor.

Então, ficou um ano. Essa idéia ficou meio que adormecida de promover atividades ligadas à produção audiovisual dentro da escola. Com a minha experiência lá no Dragão do Mar, eu vi a necessidade que tinha de a gente promover aqueles cursos para jovens de baixa renda. Era muito pouca a presença de jovens da escola pública dentro dos cursos do Dragão do Mar na época, 98 e 99. Ai surgiu a idéia, uma idéia bem simples, vamos criar um projeto que a gente consiga convidar jovens de escola publica pra socializar essas possibilidades comunicativas dentro do espaço da escola. Na época, era ainda VHS. Então, quando se falava em produção de vídeo ainda era uma coisa assim muito distante mesmo, difícil até para quem estava iniciando a realização audiovisual mesmo. Então, não era como é hoje. Hoje, um celular, você pega, você produz um vídeo. Então, esse foi o pontapé. A Encine nasceu a partir daí. Daí, ela veio se construindo, se identificando, se re-identificando, se reconstruindo dentro dos seus objetivos. Mas, uma coisa, uma das coisas que permanecem, assim, desde o começo da Encine é de trabalhar essas

¹⁴ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

¹⁵ Idem.

possibilidades comunicativas para um processo educacional. Ou seja, dentro da escola formal, ou fora dela.¹⁶

A recém nascida ONG recebeu o nome de Núcleo Sócio-Cultural de Arte Audiovisual Encine. Até o começo do ano de 2012, a instituição funcionava no bairro Papicu, em Fortaleza. Hoje, ela está instalada no bairro Planalto Ayrton Senna. Ives Albuquerque ficou como coordenador da Encine até setembro de 2011, quando assumiu uma nova gestão.

Atualmente, ele e os demais fundadores realizam consultorias e trabalhos específicos de forma esporádica na ONG. Trabalham, na Encine, profissionais da área de Pedagogia, Filosofia, Comunicação Social, Cinema, Teatro, técnicos de software livre, Administração, dentre outros.

1.3 O projeto Lace

O Lace (Laboratório de Comunicação Escolar) é um projeto da ONG Encine que trabalha na construção de laboratórios de produção audiovisual nas escolas públicas. Até hoje foram implantados três Laces em escolas municipais de Fortaleza, Maracanaú e Maranguape nos anos de 2007 e 2008. Em 2010, foram construídos mais quatro laboratórios em Fortaleza, sendo dois em escolas municipais e outros dois em escolas estaduais. São elas: CAIC Maria Alves Carioca, EEFM Dragão do Mar, CMES Tais Maria Bezerra Nogueira e CMES Francisco Edmilson Pinheiro. Os três primeiros, de 2007, foram construídos com o patrocínio da Coelce e do Ministério da Cultura e com o apoio das prefeituras dos municípios das escolas contempladas. Os quatro que foram construídos em 2010 tiveram o patrocínio da Petrobras e o apoio das secretarias municipal e estadual de educação. No próximo capítulo, explicaremos como se dá e quais os fatores relevantes para a seleção das escolas que são contempladas com um laboratório do Lace.

O idealizador do projeto Lace é o educador e cineasta Ives Albuquerque, fundador da Encine. Ives Albuquerque queria levar os trabalhos (cursos, projetos, aulas) da ONG para dentro das escolas por acreditar que, assim, as ações da Encine estariam mais fortes na sociedade. Ele queria que os projetos da ONG não fossem temporários, aonde os alunos vão

¹⁶ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

até a sede da Encine, fazem cursos e vão embora. Assim, surgiu a idéia dos Laboratórios de Comunicação, e o pessoal da Encine se reuniu e montaram o projeto.

Os Laces, na verdade, assim, o Ives já vinha pensando essa proposta dos laboratórios. Assim, já existia a Encine com a formação dos estudantes, e era aqui na sede. Ai, a idéia era fazer com que a gente pudesse levar o que a gente produzia aqui para dentro do ambiente da escola mesmo, de fazer isso de uma forma mais incisiva dentro da escola, ter uma intervenção mais precisa dentro da escola. Então, a proposta que a gente desenhou foi desse laboratório de comunicação escolar, que é a idéia de levar esses instrumentos de comunicação para dentro da escola. Lá, trabalhar a comunicação, o direito da comunicação e ter como objetivo o melhoramento do processo de ensino dos adolescentes e dos jovens. Então, a idéia era essa. A gente começou a pensar junto. O Ives trouxe muitas coisas, eu também. A gente começou a pensar um pouco sobre isso, o Aldir também. Então, foi toda uma idéia construída coletivamente. Tudo já vinha sendo feito dentro da Encine. Então, era levar o que tava sendo feito aqui para dentro da escola.¹⁷

Grupos de pesquisa dos cursos de Comunicação Social e Psicologia da Universidade Federal também participaram da elaboração do projeto, como o Grim (Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia) e o Lapsus (Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade). A intenção foi criar um espaço permanente dentro das escolas onde os alunos podem aprender e fazer tudo que é realizado na ONG.

Se a gente consegue levar essa experiência nossa para dentro do espaço da escola, e que os próprios professores e o próprio ambiente da escola seja esse espaço promotor de saberes a partir dos meios de comunicação, a gente vai ser muito mais útil à sociedade do que apenas trabalhar diretamente com esse jovem aqui.¹⁸

Para a construção do projeto, Ives Albuquerque conversou com professores e estudantes de escolas públicas e constatou que o principal problema enfrentado no processo de aprendizagem é a questão disciplinar em sala de aula. “A aula é enfadonha, a aula é igual sempre. Os professores, muitas vezes, não sabem mais o que fazer para trabalhar aquele mesmo conteúdo. Isso, eles mesmos falando, não é a gente que está deduzindo¹⁹.”

Assim, o intuito do projeto Lace é fazer com que alunos e professores das escolas beneficiadas utilizem esses laboratórios de comunicação para criar produtos comunicacionais que auxiliem o aprendizado dos conteúdos de sala de aula. Em vez de ter como meio apenas a aula expositiva, alunos e professores podem criar vídeos, programas de rádio, exposições

¹⁷ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

¹⁸ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

¹⁹ Idem.

fotográficas, fanzines e outras mídias voltadas para os conteúdos escolares, tornando as aulas interessantes, lúdicas e dinâmicas.

A proposta Lace – Laboratório de Comunicação Educativa e Cidadania nas Escolas Públicas é uma estratégia de mudança comportamental e cultural do modo como os professores se relacionam com o seu aluno e de como o aluno encara ou é apresentado ao processo educacional. A partir dos Laces, tenta-se instaurar uma nova dinâmica na escola através das novas demandas exigidas pelos projetos educativos desenvolvidos dentro do Laboratório de Comunicação Educativa, assim como o resultado alcançado com os mesmos. O Lace funciona dentro de uma ação integrada de formação e mobilização em rede social e tecnológica.²⁰

Esses laboratórios construídos pela Encine consistem em uma sala de aula da escola que é remodelada para passar a ser um mini-estúdio de produção de mídias. Eles passam por tratamento acústico e é montado, em uma das paredes, um fundo para Chroma-key²¹. Eles recebem um televisor, computadores multimídia com acesso a internet e softwares livres para edição de áudio e vídeo, câmera de vídeo digital, câmera fotográfica digital, projetor de vídeo, mesas de luz, scanner, impressora, microfones, equipamentos de áudio e luz e todo o mobiliário necessário, além de uma pequena biblioteca com livros sobre comunicação e educação. Esses laboratórios permitem aos alunos produzirem de forma autônoma vídeos, exposições fotográficas, exibição de vídeos, produção de blogs, programas de rádio, desenhos animados, jornais impressos, fanzines etc.

Os Laces são desenvolvidos sob os preceitos da Cultura Livre, comentados no primeiro tópico deste capítulo. Todos os materiais utilizados nos laboratórios são de domínio público. Os softwares são de código aberto (software livre), como o sistema operacional Linux, que é instalado nos computadores do laboratório. Todos os produtos culturais produzidos e desenvolvidos nos Laces recebem a licença Creative Commons. Assim, as produções educativas feitas nos laboratórios podem ser usadas livremente em outras escolas, ampliando a intenção do projeto em promover a educação.

Segundo Aldir Moraes, Coordenador Técnico do Lace, é importante que os equipamentos de comunicação passem a fazer parte do cotidiano da escola.

por exemplo, se o professor já tem a necessidade de trabalhar algum conteúdo na sala de aula, pra dar um exemplo bem básico, o professor de ciências que trabalha a questão da sementinha que você planta e do algodãozinho que cresce. Se ele quer usar alguma ferramenta, digamos a fotografia, isso pode ser construído com o

²⁰ Retirado da página 21 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

²¹ *Chroma key* é uma técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre uma outra através do anulamento de uma cor padrão, como por exemplo o verde ou o azul (Definição tirada do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chroma_key> acessado em 30 de maio de 2011 às 8 horas).

auxílio do laboratório, onde há uma luz específica que registra dia após dia aquela experiência, e isso cria um material visual que a qualquer momento pode ser visto pela escola. Aquela experiência de fato que aconteceu. Outras coisas são eventos que ocorrem dentro da escola. (...) Eles já fazem uma cobertura visual, meio iniciando essa primeira experiência e tentando agregar isso a uma continuidade dentro da escola. Algo que seja bem contínuo, a utilização dos laboratórios dentro disso. Aos poucos as pessoas vão entendendo um pouco o conceito, vão entendendo a importância de se trabalhar essas ferramentas audiovisuais. Cada vez mais se inserindo dentro da escola.²²

O Lace pretende ampliar a metodologia de ensino dessas escolas, permitindo uma abordagem diferenciada dos conteúdos escolares por meio de produtos midiáticos produzidos pelos alunos nos laboratórios de comunicação. Os alunos podem, no Lace, trabalhar o conteúdo da escola de forma prática, produzindo vídeos, jornais, programas de rádio etc. Isso permite que os professores tenham uma maior visão da capacidade dos equipamentos tecnológicos de comunicação e possam passar para os alunos melhores formas de se trabalhar a educação com os meios de comunicação. Isso porque o projeto do Lace não constitui apenas na instalação dos laboratórios nas escolas, mas também uma formação de alunos e professores de como trabalhar com os meios de comunicação.

Olha, a gente acredita que, com a formação com os professores, a formação com os estudantes, os temas que a gente vai estar trabalhando com eles no laboratório e com os professores aqui na Encine, a gente vai trabalhar exatamente nessa perspectiva de... Não é conscientização porque não é a palavra, mas de sensibilização sobre a importância do que é educação, de como é importante esse jovem permanecer na sala de aula, o que significa pra ele ter direito a educação, ter direito a comunicação. Então, a formação toda parte de uma formação cidadã, de tentar sensibilizar esse jovem pra cidadania, e sensibilizar pra cidadania implica em conversar, em discutir, em dialogar sobre o direito dele de ter educação, direito de poder ser comunicar e da importância de ele valorizar a escola, dele valorizar a participação dele na escola, de ele valorizar aqueles conteúdos que estão sendo trabalhados.²³

Em cada escola onde é implantado o Lace, são selecionados 30 alunos para participarem de um curso de formação de comunicadores sociais com acompanhamento técnico profissional e psicopedagógico. O curso tem duração de seis meses, com 400 horas-aula, e aborda temas ligados à comunicação, arte e formação cidadã, além de ensinar os alunos a trabalhar com os equipamentos do laboratório de comunicação. Esses alunos passam a ser os monitores do laboratório e passam a ter a função de repassar seus conhecimentos para os demais alunos e auxiliá-los no uso dos equipamentos do laboratório. As aulas do curso

²² Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Coordenador Técnico do projeto Lace, Aldir Moraes, no dia 23 de setembro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

²³ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

acontecem no próprio laboratório instalado na escola, em um turno diferente das aulas regulares.

A Encine intitula esse curso de: formação dos ARCOS, Arte Educadores Sociais. Esse mesmo curso é feito com jovens de outros projetos da ONG. Durante as aulas, os educadores da Encine abordam com os alunos os seguintes temas: expressão oral e escrita, Direitos Humanos, cidadania, desenvolvimento pessoal, mundo do trabalho, raciocínio lógico e matemático, educação ambiental, desenvolvimento comunitário e sustentável, operações de informática, internet, mídias digitais, performance escolar, dentre outros. Os educadores capacitam ainda os alunos em técnicas e manuseio de: teatro de bonecos de sombra, fotografia digital, desenho animado, fanzine, blog, rádio, produção de vídeos, dentre outros.

Todos os módulos constroem um panorama maior da leitura crítica dos meios de comunicação e do melhor uso das mídias digitais para transmitir e perpetuar o conhecimento livre e colaborativo, procurando de forma transversal potencializar o aprendizado formal fazendo pontes pedagógicas com os conteúdos curriculares trabalhados na escola. É uma capacitação que propicia ao adolescente desenvolver suas competências cognitivas, elevar auto-estima, formação humana e cidadã, emancipando-o, tornando-o protagonista no espaço coletivo da sociedade, tendo como premissa a efetividade da garantia do direito do adolescente à educação de qualidade.²⁴

No projeto, os professores também passam por uma formação. Nas quatro escolas onde foram instalados Laces no ano de 2010, foram selecionados 40 professores (10 em cada escola) que receberam uma capacitação sobre uso de técnicas de Educomunicação que contribui para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, além de uma preparação para esses professores trabalharem com os equipamentos de comunicação em sala de aula. Os participantes dessa formação assumem a função de repassar os aprendizados aos demais colegas professores.

a gente está fazendo formação com os professores é para que os professores, de alguma forma, sensibilizem, motivem, para que os conteúdos de sala de aula sejam estimulados de serem trabalhados no laboratório. Por isso, a formação com os professores, por isso, não só a formação com os estudantes, para que haja esse feedback entre o professor que está ali e o estudante.²⁵

Na primeira edição de implantação dos Laces em 2007, dez professores de cada escola também passaram por essa formação. Esse curso com os professores recebe o nome de DEC,

²⁴ Retirado da página 23 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

²⁵ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

Diálogos Escolares Contemporâneos. Enquanto a formação com os alunos levou um semestre inteiro, esta foi mais rápida, em torno de um mês e meio. As aulas, um total de quinze módulos e 60 horas-aula, aconteceram quinzenalmente, aos sábados, na antiga sede da Encine no bairro Papicu.

Os temas abordados nas aulas do DEC são: Educação; escola; Comunicação; juventude; família; comunidade; política; sociedade; cultura digital; estudo do vídeo como recurso pedagógico; uso dos recursos tecnológicos para promoção do aprendizado baseado na investigação através da pesquisa na internet, produção de materiais multimídia e gerenciamento de arquivos; possibilidades de utilização da internet como suporte à Educação; exploração do blog e suas possibilidades pedagógicas; dentre outros.

A idéia é de que a gente possa aliar, dentro de uma perspectiva de uma formação cidadã e de uma educação como função social, os conteúdos científicos ou mais teóricos. Mas, principalmente, a escola pública tem o papel de buscar trazer esses conteúdos para a realidade desses jovens e desses adolescentes. É isso que a gente entende nos processos de formação e principalmente numa escola pública que trabalha com essa perspectiva de formação cidadã. Então, nesse sentido, a gente quer fortalecer algumas escolas que já tem feito esse trabalho de trabalhar os conteúdos que já são previstos na grande curricular, aliar à realidade desse jovem. Trabalhar a Geografia a partir da realidade local do bairro que eles vivem, trabalhar a História a partir da história do bairro em que eles vivem. Eles vão poder estudar História universal, mas porque não estudar a história universal, a história geral, a partir da realidade em que eles vivem? Então, há total condições de aliar um conteúdo científico ou um conteúdo mais teórico à realidade ou ao contexto desses jovens. As mídias e as TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação) tem esse poder porque elas vão mexer com muitos sentidos, os sentidos da visão, da audição, várias formas de sentidos que a gente tem e que as vezes a gente não consegue trabalhar isso se não aliada a alguma ferramenta que colabore com isso. Por exemplo, se eu for trabalhar um vídeo, eu vou poder trabalhar várias dimensões com esse jovem. Eu vou trabalhar a linguagem escrita, eu vou trabalhar a criatividade, eu vou trabalhar o senso crítico desse jovem porque ele vai produzir um roteiro, eu vou poder trabalhar a questão visual. Então assim, são vários possibilidades que a gente tem de aliar o conteúdo regular ao contexto da realidade desses jovens.²⁶

Os dois cursos realizados dentro do projeto Lace (ARCOS e DEC) são certificados e feitos em parceria com a Universidade Federal do Ceará através do TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia, um projeto de extensão dos Departamentos de Comunicação e Psicologia da universidade²⁷. Os educadores que realizaram as atividades foram tanto profissionais da universidade como da própria ONG. Essas formações foram ainda assessoradas pela Associação de Psicopedagogia do Ceará.

²⁶ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

²⁷ Maiores informações sobre esse projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará pode ser obtido no site: www.tvez.ufc.br.

Assim, juntando os trinta alunos que passaram pela formação do ARCOS de cada uma das quatro escolas que receberam um laboratório do LACE em 2010 (duas municipais e duas estaduais, sendo, no total, 60 alunos de ensino fundamental e outros 60 de ensino médio) mais os 40 professores que passaram pela formação do DEC, um total de 160 pessoas foram atendidas diretamente pelo projeto.

Dessa forma, com os Laces de 2010, a Encine, segundo consta na elaboração do projeto, gastou um total de R\$ 310.220,00 com a implantação dos quatro laboratórios, com os cursos de formação, acompanhamentos psicopedagógico etc. Desse valor, R\$ 240.000,00 foram fruto de uma verba disponibilizada pela Petrobrás para a realização do projeto pela Encine através do programa “Desenvolvimento & Cidadania Petrobras”. O restante foi angariado pela própria ONG.

Por objetivo, o LACE pretende “possibilitar que esses jovens expressem o que eles gostariam de expressar e às vezes não tem espaço para isso. Acho que um dos grandes objetivos é esse”.²⁸ Além disso, enquanto resultados concretos, o projeto visa diminuição dos índices de evasão escolar, defasagem idade-série e analfabetismo nas escolas atendidas pelo projeto.

Dessa forma, cada escola atendida faz uma adequação de seu projeto político-pedagógico à perspectiva metodológica do projeto. Os organizadores do LACE acreditam que os alunos melhorarão o desempenho escolar e criarão um vínculo com a escola por conta do laboratório, fazendo com que os estudantes não abandonem os estudos.

A finalidade é desenvolver ações de educação complementar, com o foco na interação dos conteúdos escolares e as tecnologias de audiovisual. Pretende-se, utilizando o aparato metodológico das tecnologias comunicacionais e de informação, diminuir a evasão escolar e melhorar a performance dos alunos. Os Laboratórios de Comunicação Educativa e Cidadania nas Escolas Públicas (LACES) é um projeto que tem como propósito contribuir para melhoria do desempenho escolar do aluno, bem como do seu desenvolvimento humano e social, buscando fazer a inter-relação entre educação, cultura e comunicação. O LACE é uma metodologia de ensino-aprendizagem por meio da arte e da comunicação com foco no processo dialógico professor-aluno. É, ao mesmo tempo, uma estrutura tecnológica de produção autônoma de mídias comunicativas para o espaço escolar.²⁹

Como a gente vai trabalhar dentro de uma sistemática, dentro de um regime regular, um processo de autonomia, de criatividade? É aí que está o desafio da gente, que é conseguir seguir as metas que o sistema regular de ensino exige, mas também valorizar o processo criativo que esses jovens trazem. A gente pode achar que não

²⁸ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto LACE, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

²⁹ Afirmação da coordenadora pedagógica do projeto LACE, Raquel Noronha, retirada do site da Encine a <www.encine.org.br> acessado em 13 de junho de 2010 às 16h.

faz sentido dentro do processo regular de ensino. Como é que a gente pode valorizar o que eles trazem como história de vida, desejo de falar, de se expressar...³⁰

O projeto estimula as escolas a se comunicarem entre si por meio de suas produções, seja promovendo encontros ou usando os próprios meios de comunicação. Alguns vídeos produzidos nos laboratórios foram exibidos no Megafone, programa de televisão produzido pela Encine e que era veiculado em TV aberta pela TV Ceará. A ONG criou um site onde são postados trabalhos feitos em todos os Laboratórios de Comunicação Escolar que foram construídos³¹. Nele, cada comunidade escolar e o público em geral tem acesso às produções das diferentes instituições de ensino que possuem um Lace.

As pessoas têm que assistir essas produções. (...) As escolas vão ter acesso não só ao material que elas fizeram. Por exemplo, eu fiz o vídeo na minha escola, mas o meu colega vai ver aquele vídeo, outro professor vai ver aquele vídeo, mas alunos de outras escolas vão vê esse vídeo, e eu vou ver o vídeo que eles fizeram trabalhando aquela mesma temática. Está entendendo? Então, você tem uma troca de saberes ali também.³²

Depois de dois anos da implantação dos Laces, toda a estrutura tecnológica dos laboratórios foi doada a cada escola, e a ONG Encine deixou de atuar diretamente nas instituições. A partir desse momento, a instituição é que passou a dar continuidade ao projeto. Dessa forma, o projeto diz que o corpo gestor de cada escola precisa montar uma organização entre professores e alunos que cuidarão da coordenação dos laboratórios para que estes continuem sendo espaços onde são realizadas atividades de Educomunicação, mesmo, futuramente, com a saída dos alunos, professores e gestores que estavam nas escolas durante a implantação do Laces e com a chegada de novos indivíduos na instituição. Afinal, a ONG não visa, com o projeto, uma ação temporária, mas um avanço permanente no acesso de minorias ao direito à Comunicação.

vai ser muito gerenciamento da escola junto com os alunos. Então, esse curso de formação do DEC, que é Diálogos Escolares Contemporâneo, junto com o curso dos adolescentes, pra eles dominarem essas ferramentas, vai se tentando construir a idéia mesmo de, como eu posso dizer... De posse daquele ambiente, de cuidar daquele ambiente, de gerenciamento daquele ambiente, e tentar identificar qual a melhor forma de se gerenciar isso, de cuidar desse espaço. Na verdade, a Encine vai sair. O objetivo dela é implantar essas ferramentas dentro da escola, e, assim como o laboratório de informática existente na escola sobrevive, o laboratório de

³⁰ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

³¹ O endereço do site é <www.entrelace.org.br>.

³² Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

comunicação também ser gerido dentro da escola. É algo meio novo, na verdade, creio eu, dentro do espaço escolar e... Daí, dentro desse conceito, depois se entende da importância, e eu creio que seja algo muito natural essa posse, essa forma de gerenciar isso.³³

Através de todo esse projeto que acabamos de descrever, a ONG Encine planejou atuar dentro de instituições públicas de ensino com o intuito de contribuir para a formação cidadã de estudantes carentes. Toda a sua ação é justificada através da relação entre a Educação e a Comunicação que explicamos teoricamente no início deste capítulo. No capítulo seguinte, vamos averiguar como o Projeto Lace foi tirado do papel, de seu planejamento, e posto em prática, como se deu o dia a dia, desde a chegada até a saída, da ONG dentro da escola.

³³ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Coordenador Técnico do projeto Lace, Aldir Moraes, no dia 23 de setembro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

CAPÍTULO 2 – O Lace Tais Maria

No capítulo anterior, além de analisar a relação teórica entre Educação e Comunicação, relatamos o processo de surgimento da ONG Encine, do projeto Lace e explicamos o funcionamento deste.

Agora, tomando como exemplo a implantação do Laboratório de Comunicação Escolar no colégio municipal Tais Maria Bezerra Nogueira, vamos acompanhar a seleção, o andamento e os trabalhos de um Lace.

Dessa forma, nos seguintes capítulos, será estudado, através das observações em campo, entrevistas e análise das produções de comunicação, o processo de apropriação do laboratório e suas atividades pelos participantes do projeto Lace. Pois, já visto como a ONG pensa e estrutura o projeto, relataremos como se deu a aplicação dele na prática e os resultados obtidos.

2.1 A chegada do Lace nas escolas

Como foi explicado no capítulo anterior, o projeto Lace tem como objetivo concreto ser uma ação que impacte positivamente na qualidade do ensino das instituições onde está presente, fazendo-se notar nos índices de evasão escolar, defasagem idade-série e analfabetismo dessas escolas. Dessa forma, durante a seleção das instituições públicas que iriam receber laboratórios no ano de 2010, a ONG fez um levantamento, dentre as candidatas, de quais estariam em maior risco social.

Segundo a coordenadora pedagógica do projeto, foi fator prioritário para a seleção o nível do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região onde a escola está inserida. Assim, as escolas localizadas em áreas de baixo IDH tiveram mais chances dentre as demais candidatas na aquisição de um Lace. Porém, critérios como disponibilidade, identificação e interesse (de gestores, professores e alunos) com o projeto também foram levados em consideração.

O projeto LACE será realizado na ambiência de escolas públicas situadas em bairros de risco social de alta complexidade e de baixo Índice de Desenvolvimento Humano na cidade de Fortaleza. A questão da melhoria do ensino público é fundamental para o desenvolvimento sustentável da cidade de Fortaleza. O Projeto LACE agregará valor ao processo de melhoria da gestão escolar e do processo pedagógico de formação propedêutica dos adolescentes que serão beneficiados pelo projeto. Dentre os bairros de baixo IDH, Planalto Ayrton Sena, Bom Jardim, Missão Velha, Goiabeiras, Barra do Ceará, Serviluz, Mucuripe, Riacho Doce, Rosalina, Pedras são os mais críticos por também constituírem áreas de risco (existência de favelas, exploração sexual infanto-juvenil e intensa violência e tráfico de drogas). A decisão sobre as escolas que participarão do projeto será tomada após aprovação do projeto por uma Comissão que será constituída por representantes da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, da Petrobrás, da Encine, do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Secretaria Estadual de Educação. As escolas de ensino fundamental e médio que foram mal avaliadas de acordo com as métricas, indicadores e resultados da avaliação do sistema público municipal e estadual de ensino participarão do processo de seleção das instituições públicas educacionais que serão beneficiadas pelo projeto LACE – Cidadania que tem o propósito de melhorar o sistema educacional propiciando aos adolescentes uma educação digna, emancipatória e de qualidade.³⁴

Adotando esses critérios de seleção, a ONG cria uma maior eficácia para o projeto, uma vez que atende pessoas com maior dificuldade de acesso ao direito à Comunicação. Se muitos estudantes de instituições privadas não chegam a conquistar seus direitos cidadãos, o que dirá aqueles de escolas públicas e, ainda mais, aqueles oriundos das áreas mais pobres de uma metrópole como Fortaleza. Esses jovens fazem parte de uma minoria alarmante na sociedade, pois têm poucas oportunidades para alcançar uma vida digna no futuro.

A cada cem alunos que iniciam o ano letivo nas escolas do Nordeste, quase 10 abandonam ao final do mesmo ano, cerca de um terço desses não possuem causa aparente para o abandono. Apenas desinteresse?! A situação é mais grave quando vemos que desses cem, apenas SEIS (é isso mesmo: 6) conseguirão chegar ao terceiro grau! Cerca da metade dos jovens que estão no ensino médio das escolas públicas deveriam já ter terminado a escola, mas acumulam uma grande distorção idade-série, denotando o grave vácuo que existe entre os processos de ensino (do professor) e aprendizagem (do aluno).³⁵

No ano de 2009, as escolas que atendiam os quesitos da ONG e tinham interesse de receber um laboratório de comunicação se inscreveram para concorrer a uma das quatro vagas ofertadas na segunda edição do projeto LACE. “Uma das solicitações que nós fazíamos era que os gestores negociassem com os professores a proposta de receber um laboratório na escola. (...) nós tivemos mais de 130, uma coisa assim, escolas que se candidataram para receber quatro Laces”.³⁶ Após as inscrições, o processo de seleção foi constituído de três etapas.

³⁴ Retirado da página 13 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

³⁵ Retirado da página 12 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

³⁶ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

Só a primeira etapa já era... Quem cumpria a primeira etapa já mostrava um grande interesse. Eles tinham que realizar um cadastro extremamente extenso sobre o que é a escola, a realidade da comunidade, sobre o perfil da escola. Eram, acho que juntando em folhas, deveria dar umas quatro páginas de cadastro que eles tinham que preencher isso no site. Só isso daí, “ele está realmente querendo cumprir”. Depois de um tempo, a gente selecionou algumas e, dessas, a gente pediu que eles fizessem uma proposta de trabalho com a utilização desses laboratórios. Então, eles fizeram um projeto de como é que aquele laboratório seria utilizado na escola e qual a sua utilidade, a sua importância dentro daquele espaço. Eles faziam um projeto mesmo.³⁷

Na última etapa, a Encine realizou um diagnóstico das instituições concorrentes para decidir as quatro mais adequadas para receber o laboratório de acordo com as expectativas que o projeto queria alcançar. Para a realização do diagnóstico, a Encine visitou as escolas finalistas. Segundo Raquel Noronha, Coordenadora Pedagógica do Projeto LACE, vinte e duas escolas foram visitadas nessa etapa final de seleção. A ONG analisou “em que medida as escolas selecionadas estão sendo motivadas e comprometidas com os resultados a serem alcançados pelo projeto?”³⁸

No diagnóstico, a gente via as condições finais, reais, de estrutura para receber os Laces. (...) O grande indicador que qualificava essas escolas era o envolvimento do diretor da escola em receber esse LACE, em fazer com que esse projeto fosse dinamizador nos processos naquela escola.³⁹

Após todo esse processo, em janeiro de 2010, a Encine selecionou as quatro escolas que foram beneficiadas com a construção de um laboratório de comunicação. Todas elas tiveram que assinar, no mês seguinte, um termo de compromisso⁴⁰ afirmando que iriam cumprir com as especificações do projeto no que compete à instituição, como adequar o projeto político-pedagógico da escola à perspectiva metodológica do LACE. Como os laboratórios foram construídos em espaço público, antes de iniciar a seleção das escolas, a Encine precisou firmar parceria com as secretarias de Educação do estado e do município para obter apoio de infra-estrutura, logística e gestão.

Diferentemente do ano de 2007, em que a ONG selecionou três instituições de ensino fundamental da Região Metropolitana de Fortaleza, dessa vez foram selecionadas também

³⁷ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

³⁸ Retirado da página 35 do projeto LACE, por escrito, disponibilizado pela ONG Encine para este trabalho.

³⁹ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

⁴⁰ Uma cópia do termo de compromisso do Projeto LACE assinado pela escola Tais Maria pode ser vista no Anexo A deste trabalho.

escolas de ensino médio. Para a realização desta pesquisa, foi perguntado à Raquel Noronha, se haveria diferença na estrutura física e na metodologia de trabalho que seria aplicada em colégios de diferentes níveis de ensino.

A gente está tendo a primeira experiência de fazer o laboratório em duas modalidades. Os três primeiros foram todos no ensino fundamental. Agora que a gente está com essa proposta de fazer no ensino médio. A gente ainda não tem como te falar em relação a resultados diferenciados porque a gente está começando agora com a proposta de trabalhar de forma diferente. Com certeza, a abordagem vai ser um pouco diferenciada porque são temáticas um pouco diferenciadas para os jovens do ensino médio e para os adolescentes, quase jovens, do ensino fundamental. Os equipamentos são os mesmos, até porque não tem problema os equipamentos serem os mesmos. A forma de abordagem é que a gente vai ter que fazer, talvez, de forma um pouco diferenciada, pela realidade, pelo contexto de cada faixa etária que vai ser trabalhada.⁴¹

Todas as quatro escolas selecionadas para receber um Laboratório de Comunicação Escolar em 2010, duas do Governo do Estado e outras duas da Prefeitura de Fortaleza, estão situadas dentro do município de Fortaleza. Dentre elas, a escola municipal de ensino fundamental Tais Maria Bezerra Nogueira, situada no bairro Jangurussu, periferia da cidade.

De acordo com o censo do IBGE de 2010, o bairro Jangurussu, com 50.479 habitantes, é o sexto bairro (de um total de 119 bairros) mais populoso de Fortaleza, cidade que tem um total de 2.452.185 habitantes. Porém, ainda segundo o censo 2010 do IBGE, o bairro é o décimo nono mais pobre da capital, de acordo com os dados de renda média mensal por habitante que tem o valor de R\$ 416,90. O bairro mais pobre da cidade, o Conjunto Palmeiras, possui uma renda média de R\$ 239,25. Já no mais rico, o Meireles, esse valor é de R\$3.659,54. Dessa forma, o bairro Jangurussu está entre os mais excluídos de Fortaleza.

O professor polivalente Cleudson Silva Santos foi peça fundamental para que a escola Tais Maria recebesse um Laboratório de Comunicação Escolar. No ano de 2009, ele soube da existência de um edital que estava selecionando escolas situadas em áreas de baixo IDH para a instalação dos laboratórios de comunicação escolar. Cleudson Santos se interessou pelo projeto porque queria que seus alunos tivessem contato com novas tecnologias de informação. Assim, ele juntou o conselho escolar, conversou com o mesmo e inscreveu a sua escola.

Isso tá com mais de... Tá com um ano e meio, praticamente, que eu verifiquei que existia um edital que se propunha a fazer um laboratório de novas mídias. Eu encontrei esse edital. Inclusive, tinha algo parecido que tinham organizado em uma comunidade. Acho que era de assentamento. Teve destaque no site da UFC. Quando eu vi o edital, achei interessante para cá, para a escola. A metodologia, o que eles

⁴¹ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto LACE, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

queriam alcançar é, justamente, uma escola que tivesse um IDH baixo, que é pra tentar resgatar esses alunos da evasão, estimular eles a se interagirem e, digamos, através desses equipamentos, que seriam interessantes para os alunos, que são as novas tecnologias, novas mídias. Isso que chamou bastante a atenção. Nós, do conselho escolar, nós escrevemos a escola. Fizemos todo o levantamento em cima do que era necessário pra poder concorrer.⁴²

Nos primeiros meses do ano de 2010, a mobília e os equipamentos tecnológicos de Comunicação foram adquiridos, e o laboratório da escola Tais Maria foi construído, assim como os demais que foram arquitetados no mesmo ano. No dia 23 de junho do mesmo ano, houve a inauguração oficial dos laboratórios.

A próxima etapa da Encine foi apresentar o projeto aos alunos e demais professores para poder fazer um levantamento de quem se interessaria em participar das formações e, daí, selecionar os 30 alunos e os 10 professores da escola Tais Maria (foco deste trabalho) que seriam capacitados.

Com os docentes, a coordenação pedagógica reuniu o colegiado, explicou o projeto, especialmente o curso Diálogos Escolares Contemporâneos, a importância do mesmo e realizou um questionário⁴³ para avaliar o interesse dos professores em participar, quais idéias cada um tinha para a aplicabilidade dos recursos de comunicação em sala de aula etc. Só responderam o questionário os interessados em participar. Através do mesmo, a ONG selecionou os professores. Um deles foi Cleudson Silva, de quem falamos anteriormente.

Com os discentes, a coordenação pedagógica passou em cada sala de aula do Ensino Fundamental II (sexto ao oitavo ano) explicando o projeto e convidando os estudantes a participarem da seleção para a formação do curso ARCOS. Os alunos do Fundamental I não participaram da seleção por serem novos demais para entender a proposta e a importância do projeto. Já os alunos do nono ano do Fundamental II também ficaram de fora, pois não corresponderiam as expectativas do projeto, uma vez que deixariam a escola no ano seguinte e, assim, não poderiam passar seus conhecimentos adquiridos na formação para os demais colegas como monitores, que é uma das intenções do curso ARCOS.

Apresentada a proposta, os estudantes também responderam um questionário⁴⁴ que foi usado pela Encine como uma etapa para a seleção dos participantes da formação. No questionário, eles falaram dos meios de comunicação que fazem parte do seu cotidiano, quais

⁴² Entrevista ao pesquisador com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 11h, na escola Tais Maria.

⁴³ O questionário usado pela ONG para selecionar os professores pode ser visto no Anexo B.

⁴⁴ O questionário usado pela Encine com os alunos pode ser visualizado nos Anexo C.

despertam neles maior interesse, de que forma eles gostariam de trabalhar com equipamentos de Comunicação etc.

A nossa preocupação é de jovens que se interessem por cuidar daquele espaço, por trabalhar, por se envolver em outras atividades para além daquele turno formal que ele está na escola. Ele tem que ter esse interesse de ir para a escola nesses outros horários, se interessar por aprender novas linguagens. Então, acho que esse é o principal do nosso processo seletivo.⁴⁵

Para esta pesquisa, foi acompanhada a visita da Encine na escola municipal Francisco Edmilson Pinheiro, no bairro, também humilde, Conjunto Ceará para a apresentação do LACE e do curso ARCOS aos estudantes. Essa visita foi realizada no dia 17 de maio de 2010. Apesar de, inicialmente, não entenderem muito bem a proposta e a intenção do Projeto, principalmente por conta da idade, os alunos da escola foram excelentemente receptivos com a equipe da ONG. A maior parte deles se mostrou interessada em responder o questionário. Foi perceptível que, na cabeça deles, a novidade deveria ser algo bom.

Em cada sala de aula que passou, a Coordenadora Pedagógica do projeto comentou com os estudantes se eles gostariam que a aprendizagem fosse feita de forma divertida, através de vídeos, fotos etc. Em uma das salas, um aluno chegou a falar que gostaria de aprender matemática através do vídeo-game, e a coordenadora frisou que é possível aprender matemática com o vídeo-game. A apresentação do projeto girou em torno desse aspecto de como o aprendizado pode ser agradável.

Desde que eu cheguei pra fazer a abordagem com eles nas escolas, eu sempre tentei colocar de que da forma, acho que tu até acompanhou, da forma que a gente utiliza a ferramenta que é o livro, que é a caneta ou o lápis, a gente vai poder usar esse espaço. Eu nunca disse pra eles que vai ser um espaço... Agora, às vezes há uma compreensão essas ferramentas seriam só de entretenimento. São equipamentos que remete à ludicidade, mas que, por serem lúdico, não impede que exista um processo de formação, que se aprenda. É como eu to te dizendo. Então, pra que haja essa compreensão de que não é um espaço só de brincadeira, e que pode ser um espaço só de brincadeira e aprender, vai ter que ser trabalhado muito bem feito na formação. Então, tudo vai depender da condução, da metodologia que vai ser trabalhada. Mas, a gente nunca deixou de trabalhar de forma lúdica. Aí é que está o diferencial do projeto também, porque não se acredita, muitas vezes, que se pode aprender de forma lúdica, que não se pode aprender de uma forma é... brincando. Você me acompanhou algumas vezes e eu perguntei: como a gente pode aprender Matemática? E alguns disseram: a gente pode aprender com o vídeo-game. E a gente pode aprender com vídeo-game, Matemática. Agora, a gente tem que trabalhar com

⁴⁵ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

eles isso. A gente está usando uma ferramenta como essa, e vocês vão ter que dar um resultado a partir disso. Vai ter que ter um resultado.⁴⁶

Depois que os trinta alunos de cada escola foram selecionados, a ONG disponibilizou para essa pesquisa os questionários respondidos pelos estudantes. Sabendo do fato de que, dentro do laboratório de comunicação, poderiam trabalhar com informática e outros recursos tecnológicos, muitos alunos pensaram na formação profissional que o LACE iria proporcionar.

Isso pode ser observado em algumas respostas colocadas no questionário da ONG, em que eles falaram da importância de aprender a manusear esse tipo de equipamento. Além disso, antes mesmo do curso de formação começar, nas respostas do questionário de seleção, muitos se mostraram interessados em serem multiplicadores dos aprendizados que teriam no laboratório.

Diz pra gente se você se interessou em participar desse projeto e por que.
Porque eu e minha mãe achamos muito legal essa coisa de fazer as coisas no colégio. Participar.

Como você usaria o que aprendeu no curso?
Usaria para trabalhos. Porque, hoje, tudo precisa dessa coisa de informática. Aí, eu tendo essa experiência, ficaria mais fácil.

Diz pra gente se você se interessou em participar desse projeto e por que.
Para aprender mais e usar esse meio de comunicação.

Como você usaria o que aprendeu no curso?
Fazendo grupo de jovens e repassando para todos os alunos, tipo um teatro falando sobre isso e do curso.

Como você usaria o que aprendeu no curso?
Usaria para mim mesmo aprender e ensinar outras pessoas a conhecer e aprender o que eu havia aprendido.⁴⁷

Respondido os questionários de seleção, a ONG realizou, com os jovens que passaram por essa etapa, uma semana de preparação dentro do laboratório, apresentando o mesmo. No final da semana, cada aluno gravou um vídeo em que falava por que queriam participar do curso da Encine. A partir desses vídeos e das respostas ao questionário no início da seleção, foram selecionados os 30 estudantes.

⁴⁶ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto LACE, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

⁴⁷ Essas são algumas das respostas encontradas no questionário elaborado pela ONG Encine como parte da seleção dos estudantes que participariam da formação no curso ARCOS de 2010. Após o saque que a sede da Encine sofreu em janeiro de 2012, esses documentos foram danificados, e, por isso, os autores dessas respostas não puderam ser identificados. Contudo, sabe-se que foram escritos por alunos da escola municipal Edmilson Pinheiro, pois foi a única escola que os questionários respondidos chegaram a ser catalogados para esta pesquisa.

a avaliação que todos os educadores passaram pro setor pedagógico foi uma avaliação mesmo de conteúdo, de percepção de interesse do aluno dentro do curso, perspectiva deles com relação à comunicação, aos direitos humanos e tal. Daí, o pessoal da pedagógica junta isso com uma ficha que já foi feita antes, na verdade, na inscrição do curso, onde contemplam vários dados também com relação a isso e a junção de tudo que fica a seleção desses jovens.⁴⁸

Durante essa semana, observamos que, na escola Tais Maria, em cada encontro, houve, primeiramente, uma conversa em que foi explicada a utilidade e a importância do laboratório e, em seguida, atividades práticas com os equipamentos de comunicação. Nessas atividades, os alunos foram motivados a mexerem nos aparelhos de comunicação.

Os estudantes aproveitaram a semana para darem idéias de como eles poderiam trabalhar com essas ferramentas. As mesmas foram ouvidas pelos educadores da ONG. Devido à grande quantidade de alunos durante a semana de seleção, podemos perceber que eles estavam bastante motivados com a chegada do laboratório no colégio.

Em fim, dessa forma houve as seleções de professores e estudantes da escola Tais Maria que foram atendidos de forma direta pelo projeto Lace. Não obstante, nas demais instituições que receberam laboratórios em 2010, os processos de seleção foram, basicamente, os mesmos e foram realizados no mesmo período. Todos aconteceram ao longo do mês de março de 2010.

Durante as formações, que se estenderam pelo segundo semestre de 2010, a Encine acompanhou a participação de alunos e professores, bem como os produtos comunicacionais que foram realizados no período. O intuito era perceber se o projeto estava caminhando no sentido planejado, melhorando a qualidade de ensino, diminuindo, por exemplo, os índices de evasão escolar. Àqueles alunos que apresentaram problemas no aprendizado, a ONG realizou acompanhamento psicopedagógico.

Apesar de o projeto ter o objetivo de melhorar o desempenho escolar dos alunos, os estudantes selecionados para participar do curso de formação do Lace (Arcos) não foram, necessariamente, alunos com baixos índices de nota e participação. Segundo Raquel Noronha, na entrevista concedida para este trabalho, antes de iniciar as formações em 2010, o melhoramento desses déficits nas escolas ocorreriam por conta do acompanhamento dado aos alunos.

A gente não está, diretamente, fazendo uma análise desses jovens quanto ao desempenho dele escolar. De cada, assim, a gente não está fazendo. A gente está fazendo a seleção por uma sensibilidade desse jovem, desse adolescente, com

⁴⁸ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Coordenador Técnico do projeto Lace, Aldir Moraes, no dia 23 de setembro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

relação à temática de comunicação, por ele está dentro dessas séries que eu te falei, por ele se sentir motivado a participar do projeto. A partir daí, a gente vai fazer uma identificação de como está o perfil desses adolescentes, desses jovens. Ai, a gente vai identificar, a gente vai ter que um apanhado, inclusive, das notas deles, ver como é que eles estão nas disciplinas, principalmente as disciplinas mais de matemática, português, e, como se fosse o marco zero desses adolescentes, desses jovens, entrando no projeto. Para no final do projeto, pelo menos o período em que a gente vai estar no laboratório, a gente identificar a evolução desse adolescente, desse jovem, e focando nessa questão da evasão, da defasagem das séries. (...) O que acontece, a realidade da escola pública hoje é de que a maioria desses jovens e desses adolescentes está fora de faixa. Isso é uma regra, né? Lógico que a gente tem tido uma evolução, mas a regra geral é uma grande defasagem idade-série e uma grande evasão. Então, a gente não está colocando esse jovem no projeto a partir desse critério. Agora, a gente quer atingir um bom resultado em relação a esses déficits dentro da escola. A gente acredita que vai conseguir isso a partir desse acompanhamento, dessa identificação e desse mapeamento. Mas, ele não está sendo o critério de inserção desse jovem dentro do projeto. O critério de inserção é exatamente esse jovem que se identifique com o projeto, que tenha disponibilidade de participar do projeto, que tenha interesse, que tenha uma sensibilidade para as questões da Comunicação.⁴⁹

2.2 A formação de educadores

Em 2010, o curso Diálogos Escolares Contemporâneos, como foi relatado anteriormente, aconteceu na própria sede da Encine aos sábados. Nele, houve sete encontros que ocorreram nos dias 21 de agosto, 11 e 18 de setembro, 2 e 23 de outubro e 6 e 20 de novembro. O último encontro não estava programado no cronograma do curso, mas aconteceu devido o interesse da ONG e dos participantes em complementar a formação.

Acompanhando esses encontros, podemos perceber que a discussão em torno do uso crítico da mídia foi intensamente explorada no sentido de abordar os efeitos que os meios de comunicação causam aos expectadores, principalmente, à criança e ao adolescente. Muitos desses debates aconteceram após a exibição de vídeos que retratavam o dia a dia de estudantes e professores. No quarto dia de curso, por exemplo, foram mostrados trechos das telenovelas *Malhação*, da Rede Globo de televisão, e *Isa TK+*, da rede de TV por assinatura Nickelodeon. Ambos foram analisados criticamente pelos professores e educadores.

Cada encontro teve dois momentos, um com explanação e discussões e o outro com oficinas práticas. As discussões giraram em torno de temas que envolvem educação e meios de comunicação, como classificação indicativa de programas de televisão. Já nas oficinas,

⁴⁹ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

foram trabalhados diferentes recursos da Comunicação, como rádio, vídeo, fotografia, edição, blog etc. Para o módulo do primeiro encontro do curso DEC, estava programado na ementa:

Ementa: apresentação e discussão dos princípios e conteúdos do DEC; diagnóstico institucional; a importância e a aplicabilidade do diagnóstico no processo formativo; levantamento de demandas e potencialidades da escola; processo comunicacional e contexto escolar; princípios da mídia-educação; limites e alcances das TICs; visão macro da sociedade; o contexto local; a juventude(s) nesta sociedade; a família nesta sociedade.⁵⁰

Em nenhum dos encontros, cem por cento dos professores estiveram presentes nas atividades, conforme relatório levantado pela ONG para avaliar os resultados do curso DEC. Porém, mais da metade dos selecionados compareceram a cada módulo do curso, com exceção do Módulo IV, sobre classificação indicativa e produção de vídeos, em que 52% dos participantes faltaram.

No primeiro dia, durante a apresentação da metodologia do curso, foi constatado que a maior parte dos professores ali presentes ainda não conheciam o laboratório que foi instalado em sua escola. Os educadores da formação incentivaram que eles conhecessem o local e parassem para pensar como eles poderiam utilizar aqueles equipamentos em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem dos conteúdos escolares pelos estudantes. Mesmo dentro do curso, os professores foram colocados a criar e apresentar um plano de aula em que eles ou os alunos utilizavam algum meio de comunicação.

Já no início do curso, os professores se mostraram interessados em Comunicação e nos aprendizados. Muitos afirmaram que o projeto havia chegado na hora certa. Porém, tiveram também alguns professores, em menor quantidade, que indagaram se a utilização de tecnologia no ensino dos alunos da rede pública não era um avanço muito grande, já que problemas básicos do processo educacional nunca foram resolvidos, como a participação da família na educação de muitos dos estudantes. Ainda no primeiro encontro, os educadores da ONG fizeram, junto com os professores, um levantamento dos problemas e das potencialidades de cada escola para avaliar como esses fatores poderiam interferir no projeto Lace.

No terceiro dia do curso DEC, a oficina realizada foi construção de blogs na internet. Com exceção da escola Tais Maria, foco deste trabalho, todas as escolas participantes do projeto já tinham um blog publicado antes do início das formações. Dessa forma, o trabalho

⁵⁰ Uma cópia de cada uma das ementas dos módulos do curso DEC da ONG Encine foram disponibilizados pelos educadores do projeto de extensão TVEz da UFC para serem analisados nesta pesquisa.

dos professores foi apenas atualizar seus blogs, enquanto os professores da escola Tais Maria tiveram que abrir uma nova conta. O blog da instituição continua no ar, mas não é atualizado desde fevereiro de 2012⁵¹.

No quarto encontro, foi passado, como exercício aos professores, a produção de um vídeo na escola onde trabalham, usando os equipamentos do Lace. Eles deveriam trazer as imagens no encontro seguinte para serem usadas na oficina de edição. Para a vice-diretora da escola Tai Maria, a professora Maria Suely Araújo Marques, que participou da formação da Encine, a capacitação do projeto Lace representava uma evolução bastante significativa no processo pedagógico da escola.

eu, Suely, estou fazendo parte do Lace, participando, né, e eu estou gostando demais. Estou achando, assim, sensacional. Semana passada, nós trabalhamos a parte de edição. Eu amei. E eu acho isso muito empolgante para os alunos como para a escola porque eu acho um crescimento muito grande em relação... Em todos os sentidos, né, porque é uma forma de comunicação muito boa.⁵²

No quinto dia de formação, eles já estavam discutindo como iriam potencializar os laboratórios de suas escolas, como trazer novos cursos, como cada instituição poderia ajudar a outra, seja na troca de tecnologia, em grupos de estudos etc. Afinal, eles tiveram o receio de que as ferramentas laboratórios ficassem ultrapassadas com o tempo.

Assim, além do aprendizado, a formação da Encine também serviu de troca de experiência entre os professores de diferentes escolas que falaram de seus cotidianos em sala de aula e deram suas idéias para a aquisição de futuros recursos para os laboratórios, seja angariando recursos públicos, editais de instituições, dentre outros.

Ainda no quinto encontro do DEC, houve também um diálogo entre a ONG e os professores com relação à proposta de gestão do laboratório de comunicação de cada escola. Como foi explicado no capítulo anterior, depois de dois anos da implantação dos laboratórios, o projeto Lace se encerra e toda a estrutura instalada é doada a cada instituição de ensino. Assim, a Encine já foi aproveitando o encontro com os professores para estimulá-los a pensar em um projeto de gerenciamento do espaço montado para depois que a ONG deixar as escolas, e, dessa forma, os Lace não se tornar um lugar abandonado.

O curso ARCOS, que, a partir de setembro de 2010, se estendeu por seis meses em que os estudantes tinham três encontros por semana, aconteceu no contra turno escolar. Ou

⁵¹ O endereço do blog é: <<http://cmestaismaria.blogspot.com.br>>. Foi acessado pela última vez em 26 de dezembro de 2012 às 20h44min.

⁵² Entrevista ao pesquisador com a vice-diretora da escola Tais Maria, Maria Suely Araújo Marques, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 10h, na escola Tais Maria.

seja, o aluno que tinha aulas durante a tarde ia à escola de manhã para os encontros do curso, e o estudante do turno da manhã ficava na escola também durante as tardes para a formação.

A primeira visita de acompanhamento das formações na escola Tais Maria realizada para essa pesquisa aconteceu no dia 24 de setembro pela tarde. Esse encontro fez parte do módulo de Direitos Humanos que estava no cronograma do curso ARCOS. Onze alunos estavam presentes. O professor do curso permitiu que outros alunos, que não foram selecionados pela Encine, assistissem à aula.

Observamos que isso aconteceu também nos encontros do ARCOS subsequentes, ressaltando que cada módulo do curso (com, em média, três encontros que duraram de três a quatro horas) foi ministrado por um educador diferente. Eles avaliaram que mais de quinze estudantes por aula não prejudicaria as atividades do curso. Assim, o estudante João Monteiro conseguiu participar das atividades.

“Eu pedi, mas tava com três professores que já tinham passado. Aí, foi que eu entrei, foi que me chamaram. Aí, fui, entrei e fiquei até o fim da aula”.⁵³ Além disso, o fato de outros alunos estarem interessados em participar motivou os educadores a autorizarem essa maior quantidade. Foi o caso também da aluna Vanessa Mendonça, que relataremos mais a frente.

Pra gente, o ideal é que a gente consiga formar uma turma e, no final dos seis meses, a gente possa, inclusive, medir isso, porque a gente vai conseguir ver a evolução desse aluno em sala de aula. Mas, como eu coloquei pra você, a dinâmica da escola é muito complexa. Então, tem alunos que começam o projeto com a gente e vão até o fim, outros mudaram de bairro, tem que sair da escola, outros realmente não se identificaram, não quiseram continuar, e eu acho que todo projeto a gente tem esse perfil também de participante que entra. O ideal é que a gente comece com os trinta e termine com os trinta. Mas, a gente sabe que no decorrer tem muitas contingências, muitas coisas que acontecem. O que a gente tem buscado é perceber porque, em alguns momentos, esses alunos não querem participar. Com certeza, o fato de a gente não ter uma turma completa, começar com um número e terminar com esse número pra gente medir, não mostra como eles evoluíram, como é que isso fez a diferença para eles. Mas, a gente tem alguns que continuam na escola, que continuam participando.⁵⁴

Em conversa com os alunos, antes de o educador começar as atividades, podemos perceber que, por conta dos aprendizados que iriam adquirir, muitos deles estavam com boas expectativas para o mercado de trabalho. Mesmo eles sendo, ainda, estudantes de ensino fundamental, já estavam pensando em conquistar um emprego. Nos demais estudantes,

⁵³ Declaração do estudante do oitavo ano da escola Tais Maria João Monteiro em entrevista para esta pesquisa realizada em 9 de janeiro de 2013, às 16h, no colégio Tais Maria. João Monteiro participou do curso ARCOS. Na época, tinha 13 anos e cursava o sexto ano.

⁵⁴ Terceira entrevista com a Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, realizada para esta pesquisa no dia 2 de janeiro de 2013, às 14h30min, na atual sede da ONG Encine no bairro Planalto Ayrton Senna.

percebemos que o interesse no curso era por conta da curiosidade com o mundo da comunicação, em criar filmes, postar algo na internet etc.

Porém, mesmo aquele sendo um dos primeiros encontros do curso, já havia alunos que não estavam tão empolgados com a formação. Momentos depois de o educador começar a falar, uma aluna saiu do laboratório porque estava achando o curso chato. Possivelmente, a discussão sobre Direitos Humanos lhe estava sendo enfadonha. Os demais estudantes permaneceram atentos às atividades do professor.

Em uma conversa com o educador que ministrou as atividades desse encontro, foi relatado que os alunos estavam freqüentando os encontros regularmente, porém o professor falou também que os jovens vinham para as atividades trazendo problemas familiares e que era necessário um cuidado especial com eles para que esses transtornos de casa não interferissem no desempenho deles nas atividades.

A segunda visita foi realizada em 22 de outubro, também pela tarde. O encontro desse dia fazia parte do módulo de vídeo do curso. Dessa vez, apenas sete estudantes compareceram à formação. Observamos que a maior parte deles estava atenta às explicações e atividades. Na terceira visita à formação com os alunos, feita no dia 12 de novembro, catorze alunos estavam presentes. Porém, a visita foi realizada pela manhã. Como era outro turno, o grupo de alunos era diferente. Apesar da boa freqüência, parte dos estudantes se mostrou desinteressada pelo curso, não prestando atenção na explanação do educador. Este teve dificuldade para fazer com que todos participassem das atividades no laboratório.

Todavia, em todos os encontros do ARCOS, observamos que os professores sempre separavam um tempo das aulas, dentre as três a quatro horas de duração de cada encontro, para que os alunos pudessem ficar livres dentro do LACE fazendo a atividade do interesse de cada um, seja fica navegando na internet, produzindo fotos e vídeos com as câmeras etc. Enfim, uma espécie de recreio. Nesses momentos, eles ficavam bastante entretidos com as possibilidades de produção dos equipamentos do laboratório. Muitas vezes, os educadores também participaram, junto com os estudantes, desses momentos de recreação.

A aluna Vanessa Mendonça foi um exemplo de estudante da escola Tais Maria que não foi selecionada pela Encine para participar do ARCOS, mas acabou participando de muitos encontros da formação. Ela ficou bastante interessada nos benefícios que as formações poderia lhe proporcionar. “Porque eu tive interesse de aprender as coisas aqui. Mexer no

computador, que eu não sabia. Bater foto eu não sabia. (...) Quero fazer filme, bater foto. Um bocado de coisa”.⁵⁵ Assim, insistiu aos educadores, e estes permitiram a participação dela.

Primeiro de tudo foi, só tava participando quem tinha o nome aqui. Na parede, tinha o nome. Aí, eu tava perturbando o professor pra botar eu também porque eu queria ir, porque eu tava interessada. Mas, ai, ele disse que não dava mais porque já tava cheio. Ai, foi uma menina que me trouxe. A Zilmar, ela me trouxe. Ai, eu falei com a professora, e ela deixou.⁵⁶

Em entrevista feita com Vanessa, a garota disse ver o laboratório mais como um local de aprendizado do que um espaço para brincadeiras, mesmo o projeto Lace tendo a proposta de tornar a educação algo lúdico. Para a estudante, o laboratório é tão importante quanto a sala de aula em sua formação. Apesar dos constantes comportamentos de indisciplina observados por esta pesquisa ao longo da formação com os alunos, para a estudante Vanessa, o laboratório é um local levado a sério pelos colegas. Ela afirmou que não há comparação com as brincadeiras que acontecem na sala de aula convencional e no Lace. “Porque aqui... Lá, é muita bagunça na sala. O pessoal fica fazendo bagunça na sala. Aqui, não. Aqui todo mundo fica quieto. (...) Aqui é mais sério do que lá”.⁵⁷

A quarta visita a um encontro do ARCOS, feita no dia 8 de dezembro, foi realizada pela tarde. Havia uma quantidade bem maior de estudantes participando, porém o professor teve dificuldade em manter a concentração dos alunos, pois os mesmos fizeram muita bagunça e brincadeira no laboratório. Após passar uma atividade prática, a elaboração de uma redação, o educador da ONG conseguiu fazer com os estudantes prestassem mais atenção e interagissem mais na formação.

Para o estudante Joaquim Silva, o Lace representava, além de um lugar de brincadeiras, uma boa oportunidade de crescimento profissional, para aprender a manusear os equipamentos tecnológicos. “A gente está aprendendo a mexer no computador, na mesa de som, na câmera, na televisão, em tudo”.⁵⁸ Ele foi um dos incentivadores para que colegas da escola que não haviam sido selecionados pela ONG participassem da formação do projeto. Vendo que a sala nunca ficava cheia, ele pediu aos professores que permitissem a participação de seus amigos.

⁵⁵ Entrevista ao pesquisador com a estudante Vanessa Mendonça, aluna do projeto Lace, realizada no dia 12 de novembro de 2010, às 11h, no Lace da escola Tais Maria. Vanessa, na época da entrevista, era estudante do sexto ano da escola Tais Maria e tinha dezesseis anos.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Entrevista ao pesquisador com o estudante Joaquim Silva, aluno do projeto Lace, realizada no dia 8 de dezembro de 2010, às 15h, no Laboratório de Comunicação Escolar da escola Tais Maria. Joaquim, na época da entrevista, era estudante do sexto ano da escola Tais Maria e tinha doze anos de idade.

Eu quero sair daqui profissional. Dá pra aprender muitas coisas aqui no Lace. Todo mundo que eu sabia que gostava do Lace meio... Eu chamei pra ser ouvinte. Ai, o professor deixou participar do Lace. Todo mundo que eu sabia que gostava do Lace eu chamei pra participar como ouvinte, ai o professor deixou.⁵⁹

A quinta visita a uma formação do curso ARCOS na escola Tais Maria aconteceu no dia 2 de março de 2011. Esse encontro fez parte do módulo de rádio do cronograma do curso. Nesse dia, observamos que o Lace estava com mais dois computadores que foram adquiridos com o esforço de alguns professores que estavam envolvidos com o projeto. Além disso, foi constatado que a maior parte dos alunos que haviam sido selecionados para participar da formação desistiu de assistir as aulas.

Enquanto isso, mais estudantes que não participaram dos primeiros encontros estavam presentes no laboratório. Mesmo assim, segundo os professores, muitos alunos vinham faltando os dias de formação. No dia dessa visita, vimos também que eram poucos os estudantes que estavam realmente atentos às atividades e às explicações da professora. A maioria deles não demonstrou interesse no que ela estava falando. Como atividade prática, foi passada a tarefa de criar um programa de rádio para ser veiculado na internet. Analisaremos essa e outras produções dos alunos da escola Tais Maria, feitas no Laboratório de Comunicação Escolar, no próximo tópico.

Em todas as visitas feitas às aulas de capacitação dos estudantes da escola Tais Maria, pudemos observar o zelo dos alunos com o manuseio dos equipamentos tecnológicos de comunicação. Percebemos que eles, apesar de bastante jovens, bagunceiros e nem sempre atentos às atividades, tinham consciência do valor e da fragilidade dessas ferramentas, além do quanto é importante que elas sejam preservadas. Os educadores da Encine e os professores e gestores da própria escola Tais Maria ficavam vigilantes ao manejo dos equipamentos, porém os alunos, por iniciativa própria, tiravam e colocam os aparelhos dentro das caixas com bastante cuidado.

Antes de iniciar as visitas às formações, perguntamos à Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace se a ONG estava tendo essa preocupação com a conservação dos equipamentos do laboratório, indagando se o fato dos alunos, especificamente das instituições de ensino fundamental, serem muito novos e talvez não terem conhecimento que aqueles aparelhos são caros poderia levá-los a não ter os cuidados necessários.

⁵⁹ Entrevista ao pesquisador com o estudante Joaquim Silva, aluno do projeto Lace, realizada no dia 8 de dezembro de 2010, às 15h, no Laboratório de Comunicação Escolar da escola Tais Maria.

Eu já tive um relato lá do Jangurussu, lá na escola que você vai acompanhar, no Tais Maria. Aí, as meninas [professoras da escola]: “Raquel, os meninos têm um cuidado incrível com o espaço. Eles zelam pelo espaço tanto na parte da limpeza quanto pelos equipamentos. Eles têm um cuidado com os equipamentos. Eles têm entendido que aquilo ali é deles e eles têm que cuidar.” Entendeu? Então, eu acho que tudo passa por um processo de conversa, de negociação, de conscientização. Você trabalhar essa questão das ferramentas de comunicação com crianças, porque doze anos ainda é criança, na fase da pré-adolescência, é lógico que tem uma certa diferenciação, de universo e tudo. Mas, não impede que esse adolescente também tenha um entendimento que é importante zelar pelo equipamento que tem que ser conservado. Começa, exatamente, desde essa época.⁶⁰

2.3 As produções do Lace Tais Maria

Antes de começar os encontros de formação com os estudantes, a Coordenação Pedagógica do Projeto Lace se reuniu com os educadores que realizaram as atividades do curso. Nessa reunião, foi ressaltada a importância de levantar com os alunos, durante as explicações do curso, discussões críticas sobre temas como os direitos humanos, sociedade, discriminação e Estatuto da Criança e do Adolescente.

O intuito da ONG era incentivar os estudantes a produzir materiais com conteúdo cidadão dentro do laboratório durante e depois das formações, já que o projeto tem por objetivo fazer com que esses jovens conquistem a cidadania através do acesso ao Direito à Comunicação, porém os alunos tiveram autonomia para criarem seus produtos comunicacionais com o tema e a forma que quisessem.

A Encine se preocupou também com a didática que os educadores iriam aplicar aos discentes. Como os laboratórios chegaram às escolas enquanto alternativa às aulas tradicionais, a ONG pediu aos educadores que procurassem trabalhar de forma diferente da sala de aula convencional, pois o projeto queria justamente ser um atrativo aos estudantes para que eles não evadissem da escola.

Por conta disso, os módulos do curso ARCOS foram pensados de forma dinâmica, com vídeos, brincadeiras etc. A questão do bullying também foi uma preocupação tratada com delicadeza pelos educadores, visto que poderia interferir no desempenho e na participação dos alunos. A Encine procurou fazer com que os jovens se sentissem a vontade no laboratório

⁶⁰ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

para não interferir no desempenho das produções deles, na percepção que eles estavam conquistando dentro do mundo da Comunicação.

Quanto à parte prática da formação, as oficinas, a Coordenação Pedagógica do projeto frisou, aos educadores, a importância do processo de apropriação das ferramentas de comunicação pelos estudantes. Desde a seleção dos jovens que iriam participar da formação, a ONG se preocupou que estes fossem pessoas que tivessem sensibilidade pelo tema e interesse em se expressar através da mídia.

Dessa forma, foi ressaltado que o importante não era formar grandes fotógrafos, locutores, escritores, diretores e nem produzir bons vídeos, textos, imagens etc. O intuito do curso era possibilitar que os alunos levantassem sua voz através das ferramentas do laboratório de comunicação. Os educadores não estavam preocupados com a qualidade das produções, mas com o processo de apropriação, de forma que este fizesse com os estudantes conseguissem se expressar mais amplamente, divulgar a criatividade e idéia deles.

O jovem um pouco mais jovem vai fazer um vídeo bobinho e tal. O importante é que faça. O importante é que faça, até o momento que ele vai exercitar esse processo de fazer que começa a ser íntimo dele e ele, com os outros processos formativos que se dão paralelamente... Se você vê os vídeos que saem, quando saem educadores daqui, saem os maiores vídeos bobinhos, os vídeos iniciais. São meios de extravasar. Ninguém vai falar coisa séria quando for um experiência lúdica, uma experiência de fruição, uma experiência sensória. Ninguém faz isso de cara. Sabe? Todo mundo faz mesmo pra experimentar, pra fruir. Depois, que é com os outros processos formativos que são paralelos a essas possibilidades comunicativas, é que os jovens começam a pensar em outras temáticas, inclusive as temáticas deles em sala de aula. Essa é a nossa proposta. Isso é o que a experiência vem nos mostrando. No começo, tudo é igual. Todos vão fazer de forma de brincadeira mesmo. É um erro se a gente chega à escola e diz: “Bora todo mundo agora fazer uns vídeos aqui sobre trigonometria e tal”... A gente vai estar, apenas, reproduzindo uma coisa que já está lá, então é melhor a gente nem ir, nem montar o Lace.⁶¹

No módulo de fotografia aplicado no Lace Tais Maria, foi exercitado as noções de enquadramento e todos os planos fotográficos. Depois disso, o educador saiu do laboratório junto com os alunos e foram fotografar a escola e os colegas para praticarem o que haviam aprendido. Mesmo aquela sendo apenas uma experiência de conhecimento, de apresentação à tecnologia, eles aproveitaram para expor suas criatividades em poses, contraste com a luz etc.

Nas 234 fotos que foram tiradas nesse módulo⁶², os estudantes fizeram retratos e fotos em grupo dentro e fora do laboratório e registros dos espaços da escola, principalmente o playground, e dos funcionários, dentre eles o porteiro, a moça da cantina e a vice-diretora,

⁶¹ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

⁶² No Anexo D deste trabalho, estão algumas dessas fotografias que foram analisadas.

Suely Araújo. Eles fotografaram também as atividades da escola, as aulas de alguns professores, as brincadeiras dos alunos da educação infantil etc.

Dentre as fotos mais criativas, observamos o registro de flores no jardim da escola. Devido o fato de a escola ser carente, muitos de seus espaços, inclusive o jardim, encontravam-se deteriorados. Porém, a percepção dos jovens participantes do Lace conseguiu destacar essas plantas através da fotografia.

Uma pessoa que não convive diariamente com aquele ambiente, provavelmente, passaria pelo local sem perceber a existência daquelas flores. Para fotógrafos de primeira viagem, os alunos tiveram um bom trabalho como resultado. Para chegar até isso, obviamente, não faltaram fotos desfocadas e mal enquadradas que fazem parte do processo de qualquer aprendizado.

Dentre as produções audiovisuais realizadas pelos estudantes da escola Tais Maria durante o curso de capacitação, está o vídeo “Alimente-se bem”.⁶³ O vídeo estimula o expectador a prestar atenção no que a mídia veicula com relação ao consumo de alimentos. Nele, os estudantes interpretam uma garota que assiste a um comercial de um produto alimentício e, logo em seguida, pede para a mãe que compre o mesmo para ela. A mãe faz um sermão falando que aquilo não é saudável, e a garota muda de idéia.

Dessa vez, os alunos usaram as ferramentas de comunicação para produzir algo educativo. Estimulados por conta das discussões sobre uso crítico da mídia, eles fizeram um vídeo mostrando para outras pessoas a importância de prestar atenção no que é veiculado, por exemplo, na televisão, de como nem tudo que parece é. O vídeo é simples e curto, mas tem uma mensagem positiva, o que revela que esses jovens adquiriram consciência do potencial construtivo e destrutivo da mídia no que diz respeito a influencia sob o comportamento dos indivíduos.

Nas demais produções audiovisuais realizadas dentro do módulo de vídeo, os estudantes abordam temas como o racismo, o consumo de drogas e incentivo a leitura. Todas produções que apontaram o interesse desses jovens em usar os meios de comunicação para promover a cidadania. Eles também gravaram entrevista com professores e gestores escolares sobre o cotidiano do colégio e registraram eventos sócio-culturais da instituição.⁶⁴

Já na oficina de fanzine, as idéias e opiniões dos estudantes foram colocadas de forma bem expressiva. Impressionantemente, da liberdade de criação daqueles jovens, surgiu uma

⁶³ O mesmo pode ser visualizado pelo endereço <www.youtube.com/watch?v=K7SWWWA5Iw0>, acessado pela última vez em 22 de janeiro de 2013 às 23h45min.

⁶⁴ Todos esses vídeos, assim como as produções realizadas nos outros Laces além do Tais Maria, podem ser acessados no site desenvolvido pela Encine para esse projeto: <www.entrelace.org.br>.

pluralidade de gostos e visões de mundo. Para esta pesquisa, foram analisados quinze fanzines produzidos pelos alunos da escola Tais Maria durante o módulo de fanzine do curso ARCOS. Uma seleção deles pode ser vista nos Anexo E deste trabalho.

Dentre os temas divulgados, teve música, moda, amor, futebol, vídeo-game, internet e, inclusive, preconceito e educação. Pela espontaneidade dos desenhos e a linguagem simples empregada nos textos, podemos perceber que as expressões partiram do pensamento dos próprios estudantes, sendo produções autônomas e participativas do ponto de vista da cidadania. “Educação é: É você saber respeitar as pessoas. É você ser gentil e ser legal! Ser educado é ajudar quem precisa”.⁶⁵

Eu torço por Real Madrid porque eu gosto dos jogadores. Joga muito bem sabe. Joga e tem muito jogando como Cristiano Ronaldo e Kaká. Eles são muito bons. Não só eles, como outro jogadores e todo mundo do clube. Eu também gosto do time do Brasil. Porque o time que o Mano botou foi muito bom só. Porque o jogo contra a Argentina não foi muito legal. Porque o Ronaldinho não jogou o 2ª tempo. Por isso, Argentina ganhou com o gol do Messi.⁶⁶

Em outro fanzine, intitulado “Az Fanizetez Musical” (escrito assim mesmo, com z) as alunas Natalia Dias, Renata Kelly Oliveira e Jucyleide colaram fotos de diferentes artistas do mundo da música (de Forró do Muído a Avril Lavigne) e, ao lado de cada foto, escreveram a opinião delas sobre os referidos artistas, se gostavam ou não, por que gostavam, o sentimento que as canções daqueles artistas provocavam nelas etc. Tiveram ainda frases curiosas como: “Se a internet fosse uma pessoa, ela seria: Do mesmo jeito que o Obama é famoso nos EUA a internet é famosa, a diferença é que a internet é famosa no mundo todo”.⁶⁷

Assim, percebemos que aqueles garotos e garotas da periferia, com idades entre 13 e 16 anos, tendo oportunidade de falar, podem muito bem ser críticos musicais, comentaristas esportivos, desenhistas, em fim formadores de opinião. Os fanzines foram uma forma bem clara de mostrar que aqueles jovens não são passivos ao que acontece e ao que eles vêem ao redor deles. Eles têm potencial para interagir com a sociedade. Potencial esse ao qual tivemos apenas uma amostra com os trabalhos que fizeram, mas que pode ser trabalhado e ampliado.

Focando nos objetivos do projeto Lace, teve um fanzine que chamou atenção pela sua temática e pela forma consciente que foi exposto pelas jovens Isabella Marques e Suyane. O

⁶⁵ Retirado de um fanzine produzido no Laboratório de Comunicação Escolar da Escola Tais Maria durante o curso de capacitação com os estudantes.

⁶⁶ Fanzine “Futebol Clube”, produzido pelos alunos da escola Tais Maria, Expedito e Rivaldo Ferreira, durante a oficina de fanzines do projeto Lace.

⁶⁷ Fanzine “Evite acidentes com a internet” da aluna Zilmara Silma da escola Tais Maria. O mesmo foi produzido durante a oficina de fanzines do projeto Lace.

título era apenas “Preconceito!”. Na primeira página vem dizendo: “Diga Não! Isso é crime!”. Nas páginas seguintes, “Dê língua ao preconceito”. Abaixo desta expressão, uma foto recortada de uma revista em que três crianças, uma negra; uma branca, loira e de olhos claros e outra oriental estão de língua para fora. Em seguida, mais uma frase: “A ‘diferença’ é o que faz a beleza do mundo!”.

Muitos deles quiseram falar sobre música e ídolos teens em seus fanzines. Uma discussão que ocorreu foi sobre a histeria das fãs do cantor Justin Bieber, pois alguns, apesar de gostarem do artista, consideravam exagero o comportamento das admiradoras do cantor.

Outros buscaram falar sobre educação, preconceito, moda, graffiti etc. E poucos buscavam o desenho como uma forma de expressão, preferiam imagens retiradas da internet.⁶⁸

Outra oficina com os estudantes da escola Tais Maria que foi acompanhada por esta pesquisa foi a que ocorreu dentro do módulo de rádio. Para exercitarem os conceitos técnicos de vinheta, BG, entrevista, off, sonora, dentre outros, que foram aprendidos durante a parte teórica do módulo, a educadora que ministrou as atividades do dia passou como tarefa aos alunos a criação de uma web rádio para ser postada em um blog na internet. O nome escolhido para a rádio foi Web Rádio da Galera TM⁶⁹.

O nome, Galera TM, se refere aos próprios jovens do Lace. TM é uma sigla para identificar o nome da escola, Tais Maria. Na vinheta, criada de forma bem simples para o programa, o locutor diz: “Você está ouvido à rádio da Galera TM, produzido pelos alunos do colégio Tais Maria”. Ao fundo, ouvimos o som de uma bateria e de uma guitarra. A voz, sem impostação, é bem convidativa aos jovens de faixa etária do Ensino Fundamental e criou uma identidade de rádio voltada para a galera mesmo, para a juventude.

No quadro Diversidade & Informação, um estudante fala sobre direitos e deveres. De forma bem descontraída, fazendo brincadeiras como “significa que você não é um delegado, mas uma pessoa da lei”, ele cita partes do Estatuto da Criança e do Adolescente com o intuito de informar os ouvintes acerca dos direitos que eles possam não saber, reiterando que a criança e o adolescente, assim como qualquer adulto, é um cidadão.

⁶⁸ Relatoria da educadora Jeanne Ferreira que ministrou as oficinas de fanzine durante as formações com os alunos do Lace. O texto foi retirado da página 21 do livro “Coletânea Lace”, publicado em 2011 pela ONG Encine para divulgar as atividades realizadas por esse projeto. É possível fazer download do livro no endereço <http://www.4shared.com/office/76crZ908/Cartilha_Lace_Montado.html>, acessado pela última vez em 2 de fevereiro de 2013 às 20h30min.

⁶⁹ O trabalho feito pelos estudantes pode ser acessado no site <<http://radiodagaleratm.blogspot.com.br/>>. O endereço foi acessado pela última vez em 20 de janeiro de 2013 às 20h25min.

Assim, desta vez, podemos observar que o aluno Thiago Reis, locutor do quadro, assim como os demais estudantes que participaram dessa produção, aproveitou a ferramenta de comunicação, uma web rádio, para fazer um trabalho social de conscientização sobre a cidadania. Isso mostra a influência que as formações da ONG acerca do uso crítico da mídia estavam trazendo aos alunos.

Os estudantes aproveitaram ainda o programa para reproduzir suas músicas favoritas. A edição se preocupou com os elementos básicos do rádio, como mudança da música de fundo para mostrar alteração de ambiente. Contudo, a Rádio da Galera TM ficou apenas como exercício do módulo de rádio do curso ARCOS, não tendo uma continuação com a criação de outras edições do programa.

Em fim, entendemos como se deu a presença da organização Encine dentro da escola Tais Maria, como e quais atividades foram realizadas com professores e alunos desde o processo de seleção da instituição para o recebimento do laboratório. Percebemos que, em alguns aspectos, as atividades não saíram exatamente conforme a ONG tinha planejado.

No final do ano de 2011, a estrutura do Laboratório de Comunicação Escolar Tais Maria passou a pertencer à própria escola. Assim, no próximo capítulo, vamos averiguar se o projeto teve o resultado esperado pela Encine e quais contribuições a presença do laboratório e das atividades trouxeram para a vida da comunidade escolar.

CAPÍTULO 3 – Um novo espaço dentro da escola

Acompanhamos o processo de criação do Projeto Lace pela ONG Encine e a execução de sua segunda edição de implantação de laboratórios realizada no ano de 2010, especialmente, na escola Tais Maria. Observamos como a ONG trabalhou dentro da instituição. Agora, analisaremos os efeitos desse projeto na rotina educacional dessa escola de ensino fundamental. Rotina essa que visa, como foi explicado no primeiro capítulo, a formação de cidadãos.

Como estava previsto na elaboração da segunda edição do Projeto Lace, criado pela equipe de técnicos e educadores da ONG Encine e colocado em prática a partir do ano de 2010, dois anos após a instalação dos laboratórios em cada escola, toda a estrutura tecnológica dos laces seriam doadas para cada instituição de ensino. Assim, a partir do ano de 2012, o Laboratório de Comunicação Escolar da escola municipal Tais Maria, assim como os das demais escolas, passou a fazer parte, oficialmente, do patrimônio físico da instituição.

Dessa forma, neste capítulo, iremos observar como se deu essa transição do Lace Tais Maria pertencente à Encine para setor do colégio, como a escola se preparou para integrar esse espaço ao organograma da instituição no que diz respeito à coordenação do local, planejamento, elaboração de atividades, dentre outros.

Em seguida, iremos analisar os resultados obtidos pela ONG com relação aos objetivos que ela visava alcançar com essa segunda edição do Projeto Lace. Depois, as contribuições do Lace, durante e depois da presença da Encine, para o cotidiano escolar de alunos e professores da instituição Tais Maria, especialmente, o que mudou na vida dos alunos participantes do projeto com a chegada do laboratório na escola.

3.1 A utilização do laboratório de comunicação da instituição Tais Maria

Antes de o Laboratório de Comunicação Escolar do colégio Tais Maria passar a pertencer, oficialmente, à instituição, ainda durante os processos de formação com alunos e professores nos cursos do projeto Lace, ao longo do ano de 2010, foi perguntado ao professor Cleudson Silva, visto que ele estava à frente do andamento do projeto na escola, como a

instituição estava planejando o uso do laboratório quando o mesmo fosse integrado à estrutura do colégio.

Nós estamos através dessa proposta que vai ter maiores definições. Inicialmente, nós estamos com a perspectiva de potencializar os alunos que tiverem destaque e, também, de complementar com alguns projetos que venham a enriquecer o Lace, através de aquisições de novos materiais, através do enriquecimento de novos computadores e através de projetos que a escola tem, de recursos específicos. Verificar, até mesmo, a aquisição de professores, de monitores, que possam agregar outros cursos, outros enriquecimentos, dando continuidade ao Lace. Então, a gente está... Inclusive, os alunos que tiverem destaque nós vamos verificar parcerias com universidades, parcerias com a própria... Tivemos agora em contato, a Casa Amarela, de conseguir algumas bolsas pra esses alunos pra continuar sempre em formação e eles se estimularem a fazer essa parceria.⁷⁰

Como pudemos perceber, ainda no transcorrer do Projeto Lace, a escola Tais Maria já estava preocupada em dar uma continuidade para as atividades do laboratório. Como vimos no capítulo anterior, os professores da instituição conseguiram trazer dois computadores a mais para o laboratório. Originalmente, a ONG instala apenas um computador por Lace, que acaba sendo uma ilha de edição.

A partir do ano 2012, terminado o período planejado pela Encine para o projeto, o laboratório passou a fazer parte do organograma da escola. O conselho escolar se encarregou de inserir aquele aparelhamento, aquele espaço, no Plano Político Pedagógico da instituição. Dessa forma, a gestão da escola conseguiu substituir os computadores trazidos pelos professores, que estavam velhos, por quatro novas máquinas.

Como resultado, hoje, o laboratório do colégio Tais Maria conta com cinco computadores, sendo um deles conectado à mesa de som, projetor, impressora, scanner etc. Todo o laboratório tem acesso à internet banda larga. Além de tudo isso, a instituição adquiriu também mais equipamentos de audiovisual que se somaram aos que já existiam, possibilitando ao espaço fazer com que a comunicação seja ainda mais colocada em prática.

Dentro dessa perspectiva de planejamento, que nós vamos transcorrer durante um ano, nós temos, no plano político da escola, Plano Político Pedagógico, está inserido o Lace. Então, o Lace é sim uma ferramenta importante desse processo de ensino e aprendizagem dentro da escola, bem como a biblioteca, bem como o laboratório de informática, só que algo bem mais pulsivo. A escola reconheceu isso. O conselho [escolar] atua diretamente, no qual parte... Nós nos apropriamos do espaço e também dos bens que lá foram doados à escola e nós fizemos além. Nós projetamos, com a justificativa do plano político pedagógico da escola, nós colocamos recursos, que são para a escola, destinados à aquisição também de materiais pro Lace. Nós estamos equipando também o Lace. A gente fez aquisição de quatro computadores,

⁷⁰ Entrevista ao pesquisador com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 11h, na escola Tais Maria.

compramos máquinas fotográficas também a mais, compramos também... Aquisição de filmadoras.⁷¹

Dessa forma o Laboratório de Comunicação está mudando a realidade dessa escola pública e, hoje, faz parte do cotidiano do colégio Tais Maria. Segundo o professor Cleudson Silva, todas as atividades sócio-culturais, por exemplo, passam, direta ou indiretamente, pelo laboratório, seja para realizar produções midiáticas ou coberturas, o registro de eventos escolares.

O Lace está sendo agora um elo entre todos os projetos da escola. Todos os projetos da escola passam pelo Lace. Através do momento em que se vai registrar, que se vai fazer um projeto, fazer um making of do que está acontecendo, até mesmo pra poder potencializar a escola. Tirar a imagem que a escola dá e passar as coisas boas através do que nós aprendemos que foi a criação de um blog, de editar as imagens que nós fizemos aqui, de postar isso no You Tube, de fazer todas as mídias se interagirem com o jovem. A intenção é, justamente, colocar uma imagem, postar aquilo que está acontecendo na escola, que fique registrado e que nos próximos anos tenha-se uma inversão que a escola pública seja somente... que não seja de qualidade. Acontecem os eventos e esses eventos têm que ser divulgados, mostrados, e aí que entra o Lace com o registro, na interação, na divulgação dos eventos e na própria produção da escola.⁷²

Segundo a professora polivalente Elisandra Cavalcante da Silva, que atualmente é coordenadora pedagógica da escola, o Lace também está presente nos planos de aula dos professores, que utilizam os equipamentos do laboratório para auxiliar nas explicações dos conteúdos de sala de aula. Elisandra Cavalcante participou da formação do Lace com os professores em 2010.

Então, hoje mesmo, a professora pediu: “Alessandra, eu posso usar o Lace?”. O Lace já está sendo usado. Então, a gente sempre tem os professores querendo usar o espaço, porque é um espaço a mais na escola. Você vê que a escola pública é muito carente de uma assistência pública. Né? A nossa escola tem dezoito anos. Você encontra uma escola que nem uma quadra reformada tem. A gente sabe que a questão do esporte é muito importante para esses meninos. A tecnologia veio como aliada, como forma de uma nova metodologia. Sempre a gente está buscando o Lace pra apoiar nas atividades. O Lace, ele está sendo usado diariamente na nossa escola. A questão do Lace e da tecnologia está muito presente, hoje, na nossa escola do que há três, quatro anos atrás, e essa contribuição a gente deve ao Lace. Como eu lhe disse, eu não gostava desse negocio de informática, agora, eu sento, baixo vídeo da internet. Então, a gente percebe essa interação. Tanto dos monitores com os professores quando dos alunos com a gente.⁷³

⁷¹ Segunda entrevista com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 9 de janeiro de 2013, às 15h, na escola Tais Maria.

⁷² Entrevista ao pesquisador com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 11h, na escola Tais Maria.

⁷³ Entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, Elisandra Cavalcante da Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 11 de janeiro de 2013, às 9h30min, na escola Tais Maria.

Outra novidade para os alunos que o Laboratório de Comunicação Escolar possibilitou ser construída foi o jornal da escola. Nele, alunos e professores colocam notícias da comunidade escolar, fotos, textos, inclusive poesias, e desenhos. O jornal é distribuído na escola e atrai muitos alunos que querem publicar suas idéias, mostrar seus trabalhos ou apenas expor suas vaidades. Além de aproximar os estudantes do colégio, essa ferramenta tem contribuído no aprendizado deles.

A gente tem o jornal da nossa escola. Inclusive, quem coordena o jornal sou eu. Eles gostam de ver a produção deles lá. A gente até sente triste porque o jornal só pode ter quatro folhas, né? Aí, a gente tem que escolher. Aí, eles ficam: “tia, o meu nome vai aparecer mesmo no jornal?”. A gente percebe, quando está elaborando o jornal pra ser publicado, o interesse deles de está escrevendo correto, de aparecer a foto deles. Porque isso também é uma tecnologia.⁷⁴

Para os alunos, os benefícios com a vinda do laboratório também foram perceptíveis em seus cotidianos. “Uma coisa melhor pra escola, porque fazia tempo que não tinha nada. Tinha umas coisinhas, só que era básico. A vinda do Lace foi melhor, porque aqui não tinha como bater foto, não tinha como saber das coisas. Foi com o Lace que teve o jornal, essas coisas que está tendo agora”.⁷⁵

Para João Monteiro, que atualmente está no oitavo ano da escola Tais Maria e tem o desejo de ser fotógrafo, o Lace lhe tirou da ociosidade. “Eu ficava em casa porque não tinha o curso, né? Meu pai não tem tanta condição pra mim pagar um curso. Aí, ficou melhor”.⁷⁶ Contudo, João acha que os professores usam pouco as possibilidades do laboratório para a explicação dos conteúdos escolares e, quando usam, normalmente é para a exibição de filmes. Esse aspecto também foi constatado pela Coordenação Pedagógica do projeto Lace.

Eles utilizam o espaço muito ainda na perspectiva de “vamos para lá para ver um vídeo, vamos para ver um filme”. Mas, a percepção de que eu não preciso ir até o Lace só para ver o vídeo, eu posso ir ao Lace para fazer o vídeo, isso ainda tem que ser reforçado. Ainda não foi despertado isso. Eles têm feito. Eles fazem muito mais, assim, registro do que a escola desenvolve, os projetos que os alunos desenvolvem. Eles fizeram muitos registros disso, muitas imagens. Os alunos do Lace estão trabalhando essas técnicas, mas o professor precisa ainda entender que você não vai usar essas mídias de forma passiva, mas você vai fazer parte dessa produção. É um desafio ainda muito grande. Em alguma medida, os professores acham que vão ter mais trabalho se forem fazer isso. Eu pensar, eu estudar um escola literária

⁷⁴ Entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, Elisandra Cavalcante da Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 11 de janeiro de 2013, às 9h30min, na escola Tais Maria.

⁷⁵ Entrevista com o aluno do oitavo ano do colégio Tais Maria João Monteiro realizada para esta pesquisa em 9 de janeiro de 2013 às 16h.

⁷⁶ Idem.

produzindo um vídeo talvez vá dar mais trabalho do que eu chegar e colocar no quadro. Não é tão simples, é uma mudança de pensamento e de cultura muito profunda. A gente ainda tem uma educação essencialmente bancária. Trabalhar de forma lúdica ainda é um desafio na escola.⁷⁷

Alguns dos estudantes possuem idéias e projetos para serem trabalhados no laboratório da escola. É o caso do Diego Alencar Rezende. Atualmente, ele tem dezesseis anos e cursa o oitavo ano. Em 2010, quando estava no sexto ano⁷⁸, Diego participou do curso de formação do projeto Lace. Em entrevista para esta pesquisa, ele disse que o módulo do ARCOS que mais gostou foi o de Direitos Humanos.

Criar uma página na web, falar... Eu falei até com o professor aqui pra gente falar... Fazer um jornal semanal pra falar uma parte sobre o colégio e uma parte sobre os direitos, porque a maior parte desses alunos, hoje, não sabe o que é direito e o que é dever. Nós deveríamos usar mais o Lace pra pegar... Hoje em dia, o meio mais alternativo seria a internet, porque os jovens, hoje, só vêm a internet, não vê mais jornal, não vê mais revista, nem televisão, só a internet. Ele vai assim, Direitos Humanos. “Ou Direitos Humanos? O que é isso?”. Ele vai olhar e vai querer aprender, vai querer repassar para o outro, para o outro. Creio eu que vai ter um mundo melhor.⁷⁹

Dessa forma, a ONG deixou o laboratório da escola Tais Maria que passou a andar sob suas próprias pernas. Quando não está havendo alguma atividade escolar dentro da sala do Lace, os equipamentos ficam a disposição dos alunos para realizarem pesquisa, produzirem vídeos, fotos, desenhos, textos etc. Tudo isso de forma autônoma. Eles também podem divulgar esses produtos da forma que bem entenderem.

A gente tem que chegar aos espaços e fazer com que os espaços se tornem autônomos, por isso que a gente implanta o laboratório lá, e que a ONG saia, e o espaço fique com a aquela ação de forma autônoma. Quando a gente sai, a gente não pode dizer que tem que ser exatamente daquele jeito. As coisas estão acontecendo. Os Laces estão implantados, os Laces estão vivos dos seus modos, com suas atividades.⁸⁰

⁷⁷ Terceira entrevista com a Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, realizada para esta pesquisa no dia 2 de janeiro de 2013, às 14h30min, na atual sede da ONG Encine no bairro Planalto Ayrtton Senna.

⁷⁸ O calendário escolar dos estabelecimentos de ensino da Prefeitura de Fortaleza estava atrasados durante a realização desta pesquisa devido greve de professores que houve em anos passados. Por isso, em janeiro de 2013, Diego Alencar Rezende ainda estava cursando o oitavo ano, pois o período letivo estava previsto para terminar no mês de fevereiro.

⁷⁹ Entrevista com o aluno do oitavo ano do colégio Tais Maria Diego Alencar Rezende, realizada para esta pesquisa em 18 de janeiro de 2013 às 8h.

⁸⁰ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

3.2 Os resultados obtidos pela ONG

A principal meta almejada pela ONG Encine com o Projeto Lace, como nos falou Ives Albuquerque em entrevista para esta pesquisa, era despertar, nos os jovens das escolas públicas, o prazer pelo aprendizado, pela escola. Independente de a instituição ser pública ou privada, rica ou pobre, o problema do desinteresse de alunos é uma realidade em todo o país, e a dificuldade dos professores em encontrar uma didática agradável é outro empecilho da educação brasileira.

Qual é a nossa idéia? Qual é a nossa lógica? O que os professores mais reclamam é que os alunos são muito indisciplinados. Quando a gente pergunta por que eles são indisciplinados, eles falam “porque a aula é chata”. Alguns falam “esses alunos não tem o hábito de se sentar quatro horas por dia e ficar prestando atenção”. Então, eles se revoltam a partir da indisciplina. O que resta ao professor? Encontrar novas possibilidades, encontrar novas dinâmicas dentro desse trabalho com conteúdo, de forma que consiga trabalhar novas sensorialidades com esses jovens, mas trabalhar esse conteúdo. Então, quando a gente propõe os professores trabalharem com as possibilidades comunicativas dentro desse espaço do Lace, a gente dá ao professor outras formas de trabalhar o conteúdo com outras dinâmicas e trabalhando também a ludicidade, trabalhando a sensorialidade desse mesmo conteúdo. Isso a gente espera que provoque no aluno, diminua essa vontade de evadir da escola⁸¹

Dessa forma, podemos constatar que a grande vilã do interesse dos alunos pela sala de aula é a forma tradicional como a educação é trabalhada nas instituições de ensino do Brasil. A simples aula expositiva em que o professor utiliza apenas a voz e esquemas no quadro não é atrativa para crianças e adolescentes, e isso prejudica a formação dos jovens uma vez que dificulta o desenvolvimento de aspectos referentes à inserção no direito à comunicação, impedindo a conquista da cidadania. Assim, muitas escolas acabam fazendo o papel inverso do que deveriam fazer.

A representação que normalmente o professor tem de sua tarefa é de que deve desenvolver determinados conteúdos, transmitir um conjunto organizado de informações, consideradas socialmente relevantes para a formação das novas gerações. Até aí, não há problema. O dilema se desencadeia a partir do questionamento da forma como esta tarefa vem sendo cumprida pela escola, ou seja, quando o professor se dá conta que através da aula meramente expositiva, na verdade, não consegue propiciar condições favoráveis para a apropriação crítica, criativa e duradoura do conhecimento, condição para exercício consciente e ativo da cidadania. (Vasconcelos, C. S., 1994, p.1)

⁸¹ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

A quantidade de conteúdos e a rigorosidade que é necessária para passá-los aos alunos por conta da pouca quantidade de tempo em sala de aula intensificam tudo isso, fazendo com que, dificilmente, sobre espaço para o professor abordar questões de cidadania. Porém isso deveria ser prioridade na escola, pois o objetivo dela é formar cidadãos. Aliás, a escola só existe por causa disso. Contudo, muitas vezes, não é o que acontece.

Por isso, é preciso que as escolas entendam que o conhecimento acontece na relação do aluno com o objeto que ele está estudando. Assim, é necessário motivar a participação do estudante em sala de aula. No processo de aprendizagem, não só o professor, mas também o aluno precisa se manifestar, se expressar, para entender determinado conteúdo.

Neste aspecto, a ONG Encine conseguiu, no colégio Tais Maria, alcançar um dos objetivos do Projeto Lace, que era justamente fazer com que aqueles jovens criassem interesse pelo ambiente escolar e, assim, não evadissem da escola. Estando presentes em sala de aula, o desempenho de alguns estudantes, conseqüentemente, melhorou. Realidade que era diferente antes da instalação do Laboratório de Comunicação Escolar.

Eles faltam por coisas que você não acredita. “Há, porque eu não consigo acordar cedo, porque eu tenho preguiça, porque eu não quero.” Há muitas escolas que precisam acionar o conselho tutelar, que precisam tomar outras medidas para que esse aluno vá à escola. Aí, a gente entra com essa perspectiva de tentar motivar.⁸²

Na primeira entrevista com o professor Cleudson Silva para este trabalho, ainda no começo do curso de formação da Encine com os alunos, ele não pode falar do impacto do Projeto Lace no desempenho escolar dos estudantes por que ainda não se tinha um resultado disso, pois fazia pouco tempo que o laboratório tinha chegado ao colégio Tais Maria. Dois anos depois, em nova entrevista, ele comentou os resultados positivos no aprendizado dos alunos que participaram do projeto, afirmando que isso era resultado do Lace.

Eu não posso dizer com relação a notas, porque não deu tempo de termos uma avaliação específica. O resultado vai sair agora. Com relação à evasão dos alunos que estão participando, eles estão... Não está tendo. Eles estão muito empolgados, a frequência está muito boa. Estão participando. Existe um número muito grande de interessados. E a gente está começando a difundir isso pra escola, porque os professores também estão muito motivados. O colégio já está começando a, inclusive, a participar de um concurso. Já estão fazendo edições pra concorrer e

⁸² Terceira entrevista com a Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, realizada para esta pesquisa no dia 2 de janeiro de 2013, às 14h30min, na atual sede da ONG Encine no bairro Planalto Ayrton Senna.

tentar integrar toda a escola em eventos e registrando isso, tentando agregar o Lace às atividades da escola.⁸³

Usar as novas tecnologias como uma forma de diminuir a evasão desses alunos e, de certa forma, poder ter uma maior participação dentro da escola, contagiando. Isso, o Lace cumpriu a sua parte. Eu acredito que foi muito positivo e que os resultados, no que concerne a participação dos alunos, houve sim uma participação intensa dos alunos. Eu acredito que houve uma redução da evasão desses que participaram. Aí, você influencia diretamente no desempenho escolar, e nós tivemos, desses alunos, alunos destaques. Um deles, que a gente percebia que tinha um destaque maior, conseguiu atingir. Foi o terceiro colocado dentro das escolas públicas no Cefet no Ensino Fundamental. Então, isso foi uma coisa bem interessante que foi, inclusive, destaque, dentro do Lace.⁸⁴

Ainda no que se refere aos prejuízos da aula expositiva à educação, segundo o pedagogo Celso dos Santos Vasconcellos (1994), ela se adequa à reprodução social das desigualdades, criando minorias, e é decorrência do tipo de formação tradicional pela qual o professor passou. Para o poder público, ela representa baixo custo, pois não é necessária a aquisição de equipamentos tecnológicos, idéia que vai contra o preceito de que educação deve ser prioridade em qualquer sociedade.

Para as grandes escolas particulares, a desculpa para ainda manter a aula expositiva, que acaba também servindo às instituições públicas, são as avaliações decorativas e classificatórias que exigem um conteúdo seja dado no curto espaço de tempo disponível. Dentre essas avaliações, o vestibular é o mais exaltado como justificativa. Contudo, a obrigação do Ensino Fundamental, como vimos no primeiro capítulo, é formar cidadãos e não atender as exigências do mercado de preparar jovens para alcançarem aprovações.

A escola tem de ser, tanto para o bem de seus estudantes como para sociedade, uma instituição viva que pulsa na dinâmica do tempo dos seus jovens. Quando falo “viva”, refiro-me a uma escola que entenda que a criança e o jovem precisam tanto de conteúdos curriculares quanto de afeto e escuta. Tanto precisam de disciplina e organização quanto de descontração e alegria. Tanto precisem conhecer bem a linguagem escrita, onde o livro é o meio mais tradicional, quanto conhecer bem outras linguagens presentes em novas mídias.⁸⁵

⁸³ Entrevista ao pesquisador com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 11h, na escola Tais Maria.

⁸⁴ Segunda entrevista com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 9 de janeiro de 2013, às 15h, na escola Tais Maria.

⁸⁵ Retirado do artigo “Novas formas de falar e vários meios de ouvir”, do pedagogo Ives Albuquerque, que consta na página 7 do livro “Coletânea Lace”, publicado em 2011 pela ONG Encine para divulgar as atividades realizadas por esse projeto. É possível fazer download do livro no endereço <http://www.4shared.com/office/76crZ908/Cartilha_Lace_Montado.html>, acessado pela última vez em 2 de fevereiro de 2013 às 20h30min.

Para Vasconcellos, a aula expositiva representa uma comodidade para o professor, pois facilita a sua preparação de aula, poupando o tempo de um profissional que é extremamente explorado pelo sistema e que, assim, acaba procurando alternativas para minimizar os efeitos da alta carga horária de serviço e baixa remuneração aos quais é submetido. Como vimos na fala da Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, no tópico anterior, professores acham que preparar um aula diferente dá mais trabalho.

Segundo Ives Albuquerque, a Encine, através do Projeto Lace, “só está possibilitando que os professores tenham à disposição outras possibilidades narrativas e de construção de vínculos, de construção de diálogos, com o aluno”.⁸⁶ Contudo, como falamos no capítulo anterior, durante as formações do próprio Lace, no curso ARCOS, houve, em alguns momentos, a dificuldade em tornar o aprendizado prazeroso, em ter todos os alunos interessados naquelas explicações.

Ou seja, tornar a aula prazerosa é um desafio para a educação nacional, desafio esse que implica no desempenho escolar do estudante, na formação do cidadão, que ainda, em pleno século XXI, está sujeita, em muitos aspectos, a uma educação tradicionalista. No caso dos encontros de capacitação no laboratório, os estudantes estavam lá por interesse próprio, não foram obrigados.

Eles mesmos se sujeitaram a participar de uma seleção para estar ali, ou, depois disso, insistiram para que pudessem participar do projeto. Conforme muitos relataram nos questionários da ONG, eles achavam que aquelas aulas seriam importante para a formação deles. Assim, percebemos como a aula expositiva precisa ser superada, pois, mesmo com todos esses aspectos, tiveram alunos que, em momentos de explicação, não quiseram prestar atenção no que o educador da Encine falava.

Toda a motivação não foi suficiente para que alguns dos encontros fossem atraentes para eles. O que podemos então pensar dos conteúdos escolares dos quais eles precisam aprender por obrigação na sala de aula convencional? Conforme nos tinha relatado a aluna Vanessa Mendonça, a bagunça na sala de aula era bem maior do que aquela que observamos no laboratório.

Ainda nos primeiros encontros que a ONG realizou no laboratório com os alunos do colégio Tais Maria, foi perguntado ao professor Cleudson Silva se a escola não tinha a preocupação que os alunos não levassem o projeto a sério, encarando as atividades como momentos de brincadeira, recreação, e não de formação, capacitação. Porém, o educador

⁸⁶ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

respondeu que o que estava acontecendo, no começo, era o contrário, pois os estudantes que não estavam participando do curso da Encine estavam achando que o laboratório era uma continuidade da sala de aula.

Nós estamos tentando levantar com se fosse não só um local de aprendizado. Eu acho que isso já está bem enraizado dentro deles. Nós estamos querendo avançar além disso, sendo um local também de lazer. Ou seja, é um aprendizado com lazer. A gente está tentando avançar além disso, porque a visão não dos trinta, mas dos que estão fora, é que lá é um local apenas de aprendizado. Eles estão aprendendo e não [se divertindo]...⁸⁷

Além da questão da evasão e do desempenho escolar, o projeto teve um resultado positivo no comportamento dos alunos. Os educadores da ONG comentaram, durante reunião da Encine, que os alunos tidos pelos professores da escola como mais trabalhosos por conta da indisciplina foram os que mais participaram e freqüentaram as atividades do curso.

Por isso, talvez a rebeldia deles fosse fruto do contexto de escola tradicionalista, em que os estudantes não têm voz, não podem se expressar, apenas o professor é que fala dentro da sala de aula. Durante entrevista, para esta pesquisa, com o estudante Diego Alencar Rezende, foi perguntado o que ele estaria fazendo, naquele momento, se não existisse o LACE na escola.

Eu estaria dormindo, levaria a vida meio sem saber o que é direito, o que é dever, bagunçando demais, sem ter a noção do que é o LACE, sem ter noção do que é a vida, sem ter uma noção de faculdade, sem ter uma noção de futuro, sem ter noção de pai e mãe e levando a vida como um rebelde. O LACE ensina também a gente a ter disciplina pra enfrentar a vida em frente.⁸⁸

De acordo com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, “o aluno da escola pública gosta muito de ser assistido. Apesar de ele não ter, assim, uma família muito estruturada, quando ele vê que a escola dá esse apoio, ele dá uma resposta”.⁸⁹ A partir do momento que eles perceberam que podiam emitir suas opiniões para a população através de suas produções no laboratório, eles passaram a se impor mais em meio ao cotidiano, pois passaram a perceber que são seres ativos na sociedade, que podem influenciar. Raquel

⁸⁷ Entrevista ao pesquisador com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 11h, na escola Tais Maria.

⁸⁸ Entrevista com o aluno do oitavo ano do colégio Tais Maria Diego Alencar Rezende, realizada para esta pesquisa em 18 de janeiro de 2013 às 8h.

⁸⁹ Entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, Elisandra Cavalcante da Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 11 de janeiro de 2013, às 9h30min, na escola Tais Maria.

Noronha chegou a relatar essas mudanças ainda durante as formações do ARCOS na escola Tais Maria.

A gente percebeu, Fernando, principalmente alguns resultados na questão comportamental desses jovens. Certo, eu não vou dizer pra você que eu tive uma avaliação apurada no sentido do conteúdo. Mas as avaliações que nos fizemos, e eu tenho aqui algumas avaliações que foram feitas com os professores, eles falaram muito que houve um impacto na forma como esses jovens se relacionam ou se relacionavam: de adolescentes que eram mais retraídos e que conseguiram se expressar melhor; de alguns jovens que não se reconheciam como pessoas capazes de produzir algo ou de se reconhecer como sujeito e passaram a ser reconhecidos, ou pela família, ou pela comunidade, ou por eles mesmos, por entenderem que são capazes de fazer algo. A gente teve alguns resultados nesses sentidos. Os professores comentavam que eles se interessam, que eles se motivam. A gente percebeu que alguns se destacaram como lideranças porque eles passaram a mobilizar outros estudantes da escola para o laboratório.⁹⁰

Em entrevista com a Vice-Diretora da escola Tais Maria, também foi comentada essa mudança comportamental dos estudantes que passaram a ter atitudes mais cidadãs. Três anos depois da implantação do Lace na escola do Jangurussu, em uma nova entrevista com a Coordenadora Pedagógica do projeto, ela reiterou essa mudança comportamental e como isso influenciou o aprendizado e a vida profissional deles.

Eu tava até falando hoje que, em forma de disciplina, esses alunos melhoraram bastante. Logo que eu cheguei aqui, a forma de comunicação deles era muito agressiva. Eles só se comunicavam através da agressividade, brigas, com palavrões, e a gente não vê mais isso aqui na escola. A gente vem desenvolvendo um trabalho em relação valores, em relação à disciplina.⁹¹

Mas, a gente fez, através de entrevistas, de observação e de conversa, de que teve alunos que eram introvertidos. Esses alunos passaram a se expressar mais. Eram alunos muito tímidos, não se colocavam. Eles passaram a se colocar mais, inclusive, dentro da sala de aula, e tiveram alunos que conseguiram absolver tanto as técnicas que já estão utilizando isso inclusive como uma forma de trabalho também.⁹²

Mesmo com alguns empecilhos pelos quais passaram as formações, os estudantes dominaram os equipamentos de comunicação e criaram diversos produtos comunicacionais que ampliaram o discurso deles. Mesmo eles tendo autonomia no processo de criação, como relatamos no capítulo anterior, temáticas que envolvem a cidadania foram abordadas em suas

⁹⁰ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

⁹¹ Entrevista ao pesquisador com a vice-diretora da escola Tais Maria, Maria Suely Araújo Marques, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 10h, na escola Tais Maria.

⁹² Terceira entrevista com a Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, realizada para esta pesquisa no dia 2 de janeiro de 2013, às 14h30min, na atual sede da ONG Encine no bairro Planalto Ayrtton Senna.

produções, influenciadas pelas discussões que foram feitas ao longo dos encontros. Porém, não deixaram de aparecer temáticas que são repetidas pelos grandes veículos midiáticos.

a gente percebe que eles estão mais envolvidos dentro de sala de aula. Eles fazem uma leitura crítica bem melhor. A gente vê pelas produções que eles fazem, o interesse que eles têm. Eles têm o interesse de mostrar que aquilo é uma produção deles. Então, quando o aluno constrói, ele quer cuidar, ele quer ter o zelo. Então, a gente percebe isso, esse interesse deles dentro de sala de aula também.⁹³

Conforme outro objetivo do Projeto Lace, a Encine conseguiu formar alunos-monitores do Laboratório de Comunicação Escolar do colégio Tais Maria através das atividades de capacitação. A maior parte deles não está mais na escola porque terminou o Ensino Fundamental e, assim, precisaram mudar de escola. “Se for preciso, eu gostaria de ficar ao lado do professor e ensinar mais aos alunos”,⁹⁴ disse o estudante Joaquim Silva em entrevista para esta pesquisa feita no ano de 2010 durante o curso ARCOS. “Muita coisa que eu vou aprender aqui eu vou passar pros outros alunos.”,⁹⁵ declarou a aluna Vanessa Mendonça também em entrevista durante o curso de formação do Lace. Os alunos do Lace que ainda estudam no colégio Tais Maria estão repassando seus conhecimentos tecnológicos para os demais colegas, e, da mesma forma, estão surgindo novos monitores.

Como relatamos no tópico anterior, no aspecto de transformar os professores da instituição Tais Maria em educadores, conforme os relatos dos estudantes e da coordenadora pedagógica Raquel Noronha, o Projeto Lace não conseguiu ser tão bem sucedido. Atualmente, o laboratório é usado todos os dias na escola, porém os docentes não têm incitado os alunos a criarem produtos comunicacionais relacionando com os conteúdos escolares de suas disciplinas.

Contudo, segundo o depoimento da professora Elisandra Cavalcante da Silva, o curso do Lace com os professores, o DEC, não foi tão intenso quanto a formação que os alunos tiveram. Talvez, isso tenha prejudicado a utilização dos equipamentos pelos professores para com os estudantes, visto que eles não têm um total conhecimento do manuseamento e, assim, não sabem como trabalhar essas máquinas em sala de aula.

⁹³ Entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, Elisandra Cavalcante da Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 11 de janeiro de 2013, às 9h30min, na escola Tais Maria.

⁹⁴ Entrevista ao pesquisador com o estudante Joaquim Silva, aluno do projeto Lace, realizada no dia 8 de dezembro de 2010, às 15h, no Laboratório de Comunicação Escolar da escola Tais Maria.

⁹⁵ Entrevista ao pesquisador com a estudante Vanessa Mendonça, aluna do projeto Lace, realizada no dia 12 de novembro de 2010, às 11h, no Lace da escola Tais Maria.

Os alunos que fazem o curso do Lace, eles botam mais a mão na massa do que o professor. Como é a mão na massa que eu te digo? Eles aprendem mesmo a mexer. A gente teve também esse contato, mas foi muito rápido. Eu percebo que a gente viu mais a teoria do que mesmo fazer, fazer uma produção, editar um vídeo. A gente viu muito superficial. Se você me pedir: “Elisandra, edita ali um vídeo”, eu não sei.⁹⁶

Apesar disso, a professora Elisandra comentou ainda que o Lace trouxe as tecnologias de comunicação para o cotidiano dos educadores e os estudantes estão trabalhando com os equipamentos de comunicação, inclusive de forma cidadã, se não a pedido dos professores, através das atividades extracurriculares do colégio. Por isso, Elisandra Cavalcante acredita que o projeto teve um impacto positivo aos professores.

Eu acho, assim, que o primeiro público que ele atingiu foi o de professoras. Eu sou uma que fiz o curso e eu tinha muita aversão a usar computador, a usar a questão da informática. Então, ele fez com que eu visse que usar essa tecnologia é uma ferramenta a mais. Tanto é que, agora, tudo que é curso online eu estou fazendo. Eu, às vezes, via muito o professor... O professor parece que não queria porque tem medo de usar o que é novo. Acho que a primeira pessoa que começou a atingir foi o professor. Eu vejo, aqui, que tem professor que já usa. Mesmo a gente não tendo professor de informática, o professor vai. Ele mesmo utiliza os recursos do Lace, e os alunos também. Quando a gente tem eventos, os alunos se envolvem. Querem fazer a cobertura. A gente teve o último projeto que gente fez aqui foi o de solidariedade sobre a seca. Foi feito um material muito bom, a escolha da comunidade a arrecadar. Eles fizeram um vídeo. Então, a gente vê que os alunos eles gostam muito de usar a tecnologia. Eles são até mais abertos que a gente mesmo. A nossa formação, a gente tem professor muito antigo, a formação que a gente teve não usava esse recurso. Então, eu acho que pro professor foi mais difícil que por aluno.⁹⁷

3.3 As contribuições do Lace

Como vimos no primeiro capítulo desta pesquisa, a maior parte da população brasileira, as minorias, não exerce, de forma completa, a cidadania, pois, dentre outros motivos, estão excluídas do processo de comunicação na sociedade. Ou seja, não participam das decisões políticas, sociais, econômicas e culturais, pois não podem se expressar (dar suas idéias ou criticar) para a sociedade como um todo e nem são representados por aqueles que podem fazer isso, os grandes veículos de comunicação de rádio e TV, pois estes possuem interesses privados.

⁹⁶ Entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, Elisandra Cavalcante da Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 11 de janeiro de 2013, às 9h30min, na escola Tais Maria.

⁹⁷ Idem.

Dessa forma, os indivíduos não têm o menor controle sob tudo que rege seus cotidianos, sendo obrigados a aceitar o conteúdo subjetivo e manipulador da grande mídia, principalmente do que é divulgado no rádio e na televisão, que estabelece como as pessoas devem agir e se comportar. Afinal, “segundo o relatório *Os donos da mídia*, publicado pelo Epcom, cerca de 88% dos brasileiros ouvem rádio todos os dias” (MODÉ e PRAZERES, 2009, p. 22). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada no ano de 2006, 93% das residências do país possuem televisão. “É um número que supera o de casas com geladeira e as atendidas por serviços de água e esgoto” (MODÉ e PRAZERES, 2009, p. 23).

Contudo, ainda no primeiro capítulo, falamos que, com o advento da web 2.0, dos softwares livres e demais elementos da Cultura Livre (que possui preceitos adotados pelos laboratórios do Lace), a inclusão digital é um caminho para exercer o Direito à Comunicação. Porém, o acesso à internet, e até mesmo ao computador, ainda é muito limitado no Brasil devido barreiras sociais e a falta de amplas políticas públicas de inclusão digital.

Segundo dados do Comitê Gestor da internet no Brasil (CGIbr), 34% dos brasileiros usaram a rede nos últimos três meses. Destes, 53% usam-na diariamente. Ou seja, apenas 18% de toda população brasileira possui acesso contínuo à internet e a maioria (49%) o faz de lan houses e cyber cafés, de casa (40%) e do trabalho (24%) ou da casa de outra pessoa (24%). Uma minoria acessa a rede na escola (15%) e em locais de acesso gratuito (6%) – dados de 2008. A compra de computadores e o pagamento de provedor de acesso (que geralmente é feito em mensalidades) ainda são custos com os quais muitos brasileiros não podem arcar; há poucos pontos onde o uso é gratuito e poucos os lugares onde as pessoas podem aprender gratuitamente a utilizar essa tecnologia. (MODÉ e PRAZERES, 2009, p. 26)

A partir de tudo isso, podemos analisar o que significa o Laboratório de Comunicação para a vida de um jovem da periferia de Fortaleza. Como podemos perceber, acompanhando o processo de implantação do Projeto Lace na escola Tais Maria, o mesmo possibilita o acesso desses jovens carentes ao direito à comunicação que abre as portas para que eles possam conquistar a cidadania, transformando a vida deles.

Tudo isso porque esses estudantes passaram a ter a acesso a uma infinidade bem maior de conteúdos midiáticos, e não só àqueles dos grupos conglomerados de rádio e TV; foram capacitados para realizar suas próprias produções de comunicação e publicá-las de forma que qualquer sujeito possa ter acesso; foram orientados criticamente acerca do que é produzido pelos veículos de comunicação e de como produzir respeitando preceitos éticos e os Direitos Humanos.

Os meios de comunicação produzidos por setores organizados das classes subalternas, ou a elas organicamente ligados, acabam por criar um campo propício para o desenvolvimento da educação para a cidadania. As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e de se relacionar com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem quanto pelo que aprendem através da vivência, da própria prática. (PERUZZO, 2004, p. 71)

Ou seja, os alunos do colégio Tais Maria passaram a ser indivíduos ativos dentro da sociedade, com identidade formada a partir de idéias próprias, e não apenas àquelas mediadas. Dessa forma, podem adquirir conhecimentos, observar o cotidiano de forma crítica, sem serem manipulados, e podem divulgar opiniões próprias para um grande número de pessoas. Em fim, eles possuem condições de lutar por dignidade, qualidade de vida, melhorias sociais etc.

O conhecimento, ele abre portas. Ele consegue encarar o mundo de uma outra realidade diferente daquilo que ele possuía. Essas novas mídias conseguem romper barreiras que vão... Geográficas, barreiras culturais, e, com certeza, esses alunos que estão participando tão tendo um diferencial no entorno em que está vivendo essa comunidade. Isso que eu estou dizendo são mais de vinte mil, trinta mil, pessoas. Está agregando valor a formação deles. Seja a formação pessoal, seja a formação profissional, através de uma experiência. Isso, pro próprio mercado de trabalho, é um diferencial. Hoje em dia, eles estão tentando acompanhar o que é a evolução tecnológica, o que está havendo nos meios de comunicação, e quem detém hoje ou consegue ter acesso à informação de qualidade, consegue discernir o que está sendo passado, com certeza, tem um diferencial além dos demais.⁹⁸

A gente teve aluno que fez o Lace e tava no nono ano e já saiu. Tem aluno que a gente sabe que já está trabalhando, já usou o conhecimento pra arranjar um emprego. A gente tem esse caso aqui na escola de aluno que já saiu, mas que teve aquele primeiro treinamento do Lace e, hoje, já trabalha com tecnologia. Então, de certa forma, o Lace contribuiu até na decisão profissional. A gente tem aluno que, quando está saindo daqui, está justamente procurando essa área.⁹⁹

Por conta das discussões críticas que aconteceram dentro do laboratório, os alunos do colégio Tais Maria passaram a ter noção de como podem mudar a realidade e do quanto aquelas formações eram importantes para a vida deles, além da restrita questão profissional. Tudo isso foi consequência da forma como se deu as capacitações, acompanhadas de trabalhos sobre de valores de convivência social.

⁹⁸ Entrevista ao pesquisador com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, realizada no dia 29 de outubro de 2010, às 11h, na escola Tais Maria.

⁹⁹ Entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola Tais Maria, Elisandra Cavalcante da Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 11 de janeiro de 2013, às 9h30min, na escola Tais Maria.

Quer dizer, quando a gente chega, a gente trabalha desde a formação cidadã. Desde temas ligados a desenvolvimento social e pessoal. Como é a minha relação na escola, na família, na comunidade? Então, a gente faz um percurso pra discutir o direito à comunicação, que ele perpassa da questão da cidadania até o uso dessa tecnologia.¹⁰⁰

foi passado não só a questão da técnica, mas a convivência. Valores foram trabalhados, e o principal foram esses valores sendo transpostos por eles. Existiu um diferencial no que percebia a questão ética, a questão dos direitos humanos. Então, houve uma carga de conhecimento diferencial nesses alunos. Não é à toa que nos percebemos que alguns se destacaram tanto em alguns projetos como também em diversas participações dentro da escola em outras áreas que não fossem somente o Lace. Houve atividades culturais, feiras culturais, e alunos do Lace se destacava dentro dessas atividades dentro da escola. Eu acredito que muito da contribuição disso foi devido às formações que vieram do Lace.¹⁰¹

Observada essas contribuições geradas pelo projeto Lace na escola Tais Maria, podemos reiterar a necessidade da Comunicação ser usada para promover a Educação. Por todos esses motivos, o acesso ao direito à comunicação deveria estar presente em todas as instituições de ensino do Brasil. Isso pode ser um tanto utópico, porém existem marcos legais que garantem esse direito a todas as pessoas, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e a própria Constituição.

Assim, devido à fundamental importância da comunicação na formação de cidadãos, o indivíduo precisa ter acesso a esse direito desde jovem, ou seja, desde a escola. Por isso, o Estado deveria ter, por obrigação, assegurá-lo para cada estudante. Afinal, como diz o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras”.

É inconcebível que, hoje, a gente não tenha uma política pública que trabalhe isso nas escolas. É inconcebível que os professores não tenham acesso a utilizar, a saber mexer, a discutir esse tema. Tem escola que tem equipamentos, mas os professores não sabem mexer, não sabe ligar o data show. Até mesmo fazer um e-mail tem professor que não consegue. Não estou querendo dizer que o professor vai ser mais ou menos com isso. Eu estou colocando que existem outras possibilidades, metodologias de você trabalhar em sala de aula e que isso dá uma amplitude maior

¹⁰⁰ Terceira entrevista com a Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, realizada para esta pesquisa no dia 2 de janeiro de 2013, às 14h30min, na atual sede da ONG Encine no bairro Planalto Ayrton Senna.

¹⁰¹ Segunda entrevista com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 9 de janeiro de 2013, às 15h, na escola Tais Maria.

no conhecimento desses alunos e professores. Todas as escolas têm direito a esse acesso.¹⁰²

Durante a entrevista para esta pesquisa com o estudante Diego Alencar Rezende, foi perguntado por que ele resolveu participar do Lace e o que ele achava do fato de apenas sete escolas no estado possuírem um laboratório de comunicação.

Eu estou pensando aqui não em mim, mas nos meus filhos, o que eu vou poder ensinar para eles, um mundo melhor. Espero ensinar para eles o poder deles que eles têm, os direitos que eles tem, sobre o que eles podem e o que eles não podem fazer, dar uma base mais ou menos do que é a vida. O Lace não é só aprendizado, ele dá uma base da vida. Eu não sabia o que eu ia fazer, quando fosse fazer faculdade. Aí, a professora disse que o melhor incentivo que a pessoa tinha era no Lace, que dá base na vida, e eu quero ser arquiteto, por causa da professora.

É uma pena, né? Porque, no meu pensamento, [o Lace] era pra ter pra todos. Eu acho que os direitos são iguais pra todos, então deveria ter pra todos. Porque todo colégio, nem que tenha uma pessoa querendo mudar, mas tem em todas as escolas. Aí, tem que buscar isso nas escolas. A maioria pública. Se a escola mesmo quiser o melhor pros alunos, tem que correr atrás, porque não pode deixar cair do céu. Tem que buscar, falar com a autoridade, falar com a prefeitura, falar com a Encine. Mas, depende muito da direção. Cada direção tem um pensamento diferente.¹⁰³

Por conta de tudo isso, podemos afirmar que a ONG Encine realiza, com o Projeto Lace, um importante trabalho social. O mesmo, em larga escala, poderia ser revolucionário do ponto de vista de trazer melhorias para a sociedade. Porém, a Encine é uma organização pequena, no qual suas ações não ultrapassam um alcance local. Além do que, como foi discutido anteriormente, o papel das ONGs não é substituir o Estado, mas sim evidenciar soluções para problemas que devem ser resolvidos por ele. Afinal, a população paga impostos justamente para ter assegurado seus direitos básicos como o direito à comunicação e à educação de qualidade.

a gente entende o direito da comunicação como uma política pública. O projeto tem essa perspectiva de ser um exemplo, porque esse é o papel das ONGs, de exemplificar idéias, de colocar idéias que a gente consegue captar, que naquele momento, na realidade de uma cidade, na conjuntura do mundo, é relevante. A gente concretiza essa idéia no projeto e a gente mostra resultados, mostra impactos e diz: “olha, a gente é só uma ONG, a gente não tem o poder de abrangência de um ente estadual, de um ente municipal”. Mas, a gente está mostrando aqui que existem

¹⁰² Terceira entrevista com a Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, realizada para esta pesquisa no dia 2 de janeiro de 2013, às 14h30min, na atual sede da ONG Encine no bairro Planalto Ayrton Senna.

¹⁰³ Entrevista com o aluno do oitavo ano do colégio Tais Maria Diego Alencar Rezende, realizada para esta pesquisa em 18 de janeiro de 2013 às 8h.

possibilidades de melhoramentos do processo de ensino aprendizagem. Como é que o poder público entende isso?¹⁰⁴

o trabalho das ONGs, pelo menos essa é a minha visão, e você vai encontrar muitos outros mobilizadores sociais que têm visões diferentes, o papel da ONG não é um papel de substituir o Estado, não é o papel de abarcar grandes problemas sociais e tentar resolver sozinho. O papel das ONGs é propor caminhos, é fazer experiências para que depois elas se tornem políticas públicas mais eficientes, mais eficazes, com maximização de recursos públicos. (...) O que a gente fala é muito assim, é pensando numa lógica de política pública. A medida que as aulas se tornam mais prazerosas, a medida que as aulas se aproximam mais do dia a dia dos jovens, da realidade do que eles vivem, dialoguem mais com a comunidade, essa escola fica mais viva, fica uma escola mais dinâmica. Ficando uma escola mais dinâmica, esses jovens vão ter menos vontade de sair da escola ou vão ser mais motivados a ficar dentro da sala de aula, e a melhoria, de uma forma geral, dessa forma de ensino.¹⁰⁵

Assim, aliar Comunicação à Educação, inserir, dentro das escolas o direito à comunicação é algo que repercute não apenas na vida dos estudantes enquanto indivíduos isolados, mas sim em toda a comunidade e, conseqüentemente, na sociedade, pois beneficia o processo educativo, e Educação é a base de toda sociedade.

A origem de qualquer problema social pode ser encontrada na forma como a Educação está sendo priorizada em cada localidade. Logicamente que essa transformação se dá de forma gradual, ao longo prazo, pois há muitos anos que a educação pública precisa de maior atenção, por isso é necessário muito tempo para que esses anos de abstenção sejam assistidos.

Por isso, também não podemos afirmar que a Encine resolveu o problema do acesso ao direito à comunicação na escola Tais Maria. Ela deu início a esse processo, que foi absoldido por professores, alunos e gestores. Apenas com o passar do tempo e a chegada de novas gerações de indivíduos no colégio e que poderemos averiguar se o Laboratório de Comunicação Escolar continuará presente e habitual na instituição. Porém, os primeiros passos já foram dados.

É uma mudança cultural. A perspectiva desse projeto é uma mudança cultural. Não dá para ser superficial. Como a gente já introjetou, desde criança, que precisa ler o livro, que precisa escrever no quadro branco, que precisa escrever com o papel e a caneta, a gente precisa introjetar que as mídias precisam ser também trabalhadas dentro da perspectiva da formação regular das disciplinas. É cultural. É entender que a gente está usando aquelas ferramentas não é para fazer um filme bom, mas é para passar aquela experiência de viver aquela ferramenta. Não é ter um resultado bonitinho, arrumadinho. É eu ter a experiência de como é o olhar diferente de uma

¹⁰⁴ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, no dia 5 de julho de 2010, às 11h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

¹⁰⁵ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

imagem, que é como eu perceber a forma como eu trato uma imagem, como eu construo um discurso, é isso, não é o resultado sempre perfeito.¹⁰⁶

Uma comunidade onde é instalado um Lace é, indiretamente, beneficiada, porque os estudantes, com as ferramentas midiáticas nas mãos, podem produzir mídias que abordem os problemas ou qualidades do bairro, reivindicando melhoras nos serviços públicos, já que essa é uma realidade que faz parte do contexto deles. Um vídeo ou um blog postado na internet, por exemplo, pode denunciar o descaso com essas áreas de baixo IDH onde estão os Laces. Essas produções podem chegar, inclusive, até o conhecimento de autoridades e da sociedade como um todo.

Dentro da atividade dos Laces, o que a gente espera é que a escola produza material que fale sobre a realidade dela, fale sobre a comunidade, e que esse material seja também visto pela comunidade, seja apropriado pela comunidade. Uma das atividades, só para pontuar, só para exemplificar, é fazer com esses jovens produzam vídeos ou registros fotográficos sobre os primeiros moradores daquela comunidade, registre como é que foi a formação daquele bairro, a formação daquela rua, a formação daquela vila, seja onde a escola está inserida, para construir um pouco a história daquele bairro, a identidade daquelas pessoas e que, aos sábados, a escola convide os moradores para assistir esses produtos. Então, é uma atividade pontual que a gente estimula que a escola faça. Como é que um laboratório de comunicação dentro da escola pode promover essa ligação, esse relacionamento.¹⁰⁷

Afinal, o Lace não tem o intuito de apenas produzir conteúdos educacionais, mas também conteúdos cidadãos e quaisquer outras produções de interesse dos alunos, garantindo a liberdade de expressão deles. Por isso, o projeto Lace está trazendo contribuições não só para os estudantes e professores da escola Tais Maria, mas para o bairro Jangurussu como um todo.

Nós temos algumas atividades que envolvem a comunidade. Nós utilizamos o Lace para isso. Lá, é bem mais aconchegante. Você pode tentar projetar, ali, alguns estudos. Nós conseguimos absolver a comunidade também nessa perspectiva. A própria associação, se solicita o espaço pra gente poder ali projetar, fazer alguma reunião. Nós podemos registrar a presença. Um conforto. E isso, sempre que as pessoas que aqui passam, vêm como um diferencial. Que espaço é esse? Então serve até mesmo como um espaço para divulgar a existência desse projeto na comunidade.¹⁰⁸

¹⁰⁶ Entrevista concedida para esta pesquisa pela Coordenadora Pedagógica do Projeto Lace, Raquel Noronha, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

¹⁰⁷ Entrevista concedida para esta pesquisa pelo fundador da ONG Encine, Ives Albuquerque, no dia primeiro de outubro de 2010, às 14h, na antiga sede da ONG no bairro Papicu.

¹⁰⁸ Segunda entrevista com o professor polivalente da escola Tais Maria, Cleudson Silva, concedida para esta pesquisa, realizada no dia 9 de janeiro de 2013, às 15h, na escola Tais Maria.

Os equipamentos de comunicação, quando utilizados pelos estudantes das escolas públicas nos laboratórios do projeto Lace, passam a ter uma função educativa. Isso acontece por causa das mensagens que constam no conteúdo das produções deles, pela vivência do processo de produção midiática e pela experiência no planejamento e gestão de Comunicação.

A relação desses jovens com a mídia faz com que eles tenham acesso a outras culturas, construam e desconstruam valores, se conscientizem acerca dos Direitos Humanos, tenham maior compreensão do mundo, inclusive, de como funcionam os próprios veículos de comunicação, dentre outros. Assim, o uso das ferramentas tecnológicas de comunicação são um eficiente meio para o aprendizado sobre o exercício de seus direitos e a conquista da cidadania.

a construção da cidadania só é possível quando crianças e jovens conhecem seus direitos e deveres exercendo um papel ativo na sociedade com voz e vez para atuar e contribuir. Isso só é alcançado pelo acesso à informação, possibilitando a construção do conhecimento e a melhoria da qualidade de vida. É neste espaço que as tecnologias da informação e comunicação por meio dos arte-comunicadores-sociais se inserem, de modo que os jovens possam criar uma consciência crítica sobre essa realidade e passem a se envolver na solução dos problemas vividos.¹⁰⁹

Terminamos esse capítulo mostrando como ficou a escola Tais Maria após a passagem do Projeto Lace. Relatamos como esse projeto, que não é temporário, teve continuidade na instituição após a saída da organização Encine, como alunos, professores e gestores fizeram com que o espaço se mantivesse vivo. Além disso, observamos se a ONG conseguiu alcançar os objetivos que tinha traçado com o projeto e apontamos que contribuições isso trouxe para a comunidade e, principalmente, para esses alunos da rede pública de ensino.

¹⁰⁹ Disponível no site da Encine <www.encine.org>, acessado em 13 de junho de 2010 às 15h.

CONCLUSÃO

Com o Projeto Lace, a Organização Não Governamental Encine comprova que a Comunicação e a Educação têm que andar juntas. Se o indivíduo vai ao colégio desde muito pequeno para ser educado e se tornar um cidadão, a inserção dele no direito à comunicação tem que começar na escola básica, pois ele não terá meios de conquistar a cidadania sem esse direito básico.

A ONG propôs trazer alternativas para a aula expositiva na escola Tais Maria com o intuito de evitar os prejuízos que essa forma de ensino trás ao desempenho escolar e à qualidade do trabalho do professor. Com isso, ela esperava, como consequência, diminuir a evasão escolar, pois os alunos se interessariam pelo aprendizado e não deixariam a escola tão facilmente.

Através dos relatos de alunos e membros da Encine, percebemos que, a princípio, o Lace não conseguiu fazer com que professores colocassem os estudantes para realizar produções midiáticas relacionadas aos conteúdos escolares. Porém, ele conseguiu fazer com que os equipamentos de comunicação se tornassem parte do cotidiano da instituição, possibilitando à comunidade escolar o acesso ao direito à comunicação, fazendo com que, por exemplo, professores que tinham aversão ao computador passassem a utilizá-lo diariamente.

Além disso, constatamos que o projeto influenciou no comportamento dos estudantes que passaram a estarem mais presentes na escola e, por isso, melhoraram o desempenho escolar. Esses mesmos estudantes perceberam que têm potencial para intervir na comunidade e na sociedade e passaram a utilizar suas produções artístico-culturais feitas no laboratório de comunicação para reivindicar mudanças sociais, passaram a exercer a cidadania.

Isso tudo sem falar na capacitação profissional, na conscientização acerca dos Direitos Humanos, nas coberturas para registro dos eventos escolares, na criação do jornal do colégio, em algumas aulas que ficaram mais lúdicas e interessantes por conta da exibição de vídeos no data-show, na integração do colégio com a comunidade etc.

Ou seja, na escola Tais Maria Bezerra Nogueira, o Projeto Lace alcançou seu objetivo e, de fato, mudou a vida dos alunos tanto na questão educacional quanto na participação cidadã. Contudo, vale salientar que a Encine já instalou, ao todo, sete laboratório de comunicação. O Lace Tais Maria é apenas um deles. Em cada um, o projeto teve andamento e

resultados diferentes. Por isso, esta pesquisa é apenas uma amostra, um exemplo, do que é o projeto em si.

Da forma como ele aconteceu na escola Tais Maria, foi comprovado que pode trazer muitas conseqüências positivas para a instituição, alunos, professores, gestores e comunidade, além de, principalmente, proporcionar o acesso a direitos fundamentais que são assegurados por lei. Por conta da eficiência do Lace, esse projeto deveria ser uma política pública, pois a ONG provou que ele trás resultados, e garantir educação de qualidade e acesso à cidadania é obrigação dos poderes públicos.

Esse primeiro passo na luta pelo direito à comunicação, promovido pela Encine, conseguiu alcançar as metas traçadas. Hoje, o Lace Tais Maria anda através de pernas próprias, está inserido no plano político pedagógico da instituição. Professores e alunos repassam o que sabem das técnicas de manuseio dos equipamentos tecnológicos para novos docentes e estudantes, fazendo com que o local permaneça ativo.

Resta para nós saber se, com o passar dos anos, as próximas gerações também vão absolver o interesse e a necessidade de se trabalhar no laboratório de comunicação, se a cultura de dialogar por meio dessas ferramentas será incorporada ao cotidiano escolar da mesma forma como o livro didático e o quadro do professor se fazem presentes até hoje.

Tudo isso não significa que os livros e cadernos devam ser substituídos por tablets e computadores, que o quadro dê lugar ao data-show, nem que lápis e caneta sejam trocados por câmeras fotográficas e filmadoras. O Projeto Lace mostrou foi que esses equipamentos podem ser aliados dos processos de aprendizagem, que eles são complementares, pois vão além da absorção de conteúdos.

O uso dessas ferramentas permite que o aluno: expresse o que aprendeu para qualquer pessoa, em qualquer lugar e horário; acesse uma variedade cada vez maior de interpretações do mesmo conteúdo e consiga diferenciar, com mais propriedade, aquilo que contribui para o entendimento do que ele está estudando daquilo que irá desviar sua atenção no que está procurando, o aprendizado.

Afinal, é isso que os meios de comunicação permitem e não só dentro dos processos educacionais, mas também na sociedade. Eles dão autonomia ao indivíduo para falar e ouvir e selecionar o que ele quer ouvir, ou seja, eles dão acesso à cidadania, que a pessoa exerça seus direitos e deveres. Sem eles, essa autonomia não existe, e o indivíduo fica submetido aos interesses de terceiros.

Para evidenciar que essa autonomia perante os meios de comunicação não existe para as minorias sociais, basta observar o que é veiculado na grande mídia, especialmente nas emissoras de televisão que tem suas produções consumidas pela maior parte da sociedade. As programações desses veículos, na maior parte de seus horários, não retratam a vida daqueles que são socialmente excluídos.

Por conta disso, são estabelecidos comportamentos tidos como normais, melhores, corretos etc. Enquanto isso, as demais práticas culturais são marginalizadas e setores sociais são discriminados, ferindo a autonomia destes que não possuem condições de dizer para a sociedade que eles também têm direitos, que também são cidadãos.

A experiência proporcionada pela Encine permitiu que os jovens carentes da escola pública enxergassem como a mídia interfere nos comportamentos dos indivíduos na sociedade. Eles entenderam que os meios de comunicação produzem significações, sentidos, que criam modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo, em fim de se relacionar com a vida. Dessa forma, esses estudantes compreenderam que existem relações de poder nos processos comunicacionais e que os instrumentos da comunicação podem transformar a sociedade e o indivíduo.

É claro que o indivíduo não vai desempenhar a cidadania apenas com a garantia do direito à comunicação. O brasileiro tem direito a liberdade de expressão, mas, de fato, ele se expressa livremente? Não basta ter os direitos na lei, para ser cidadão o indivíduo tem que usufruir desses direitos para poder vencer os obstáculos que lhe impedem de ter dignidade. É preciso que ele tenha acessos a todos os direitos que lhe deveriam ser garantidos, e a comunicação é um passo para que ele conquiste isso.

A educação é outro passo. Porém, o passo da comunicação mais o passo da educação não é igual à soma de um mais um que dá igual a dois. É bem mais que isso, um passo mais o outro passo, nesse caso, não equivale a dois passos, mas a um avanço bem maior, pois um alimenta o outro. A educação tem mais participação e melhores resultados com a dinâmica gerada pela comunicação, e a prática comunicacional é mais democrática e independente se ela for resultado de um processo de educação.

Assim, chegamos ao fim deste trabalho acreditando ter contribuído para as discussões acerca das questões que envolvem o uso da Comunicação para a promoção da Educação, para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem, e para a conscientização de que a escola deve, de fato, ser um local para possibilitar a conquista da Cidadania. Além disso, exemplificamos detalhadamente um projeto social de uma ONG que pode ser usado como

política pública para que a teoria do uso da Comunicação para a Educação possa ser colocada em prática não só por entidades sociais, mas, principalmente, por gestões governamentais.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ACIOLI, Socorro. **Fundação Casa Grande - Comunicação para a Educação**. 2002. 62 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Curso de Comunicação Social, UFC, Fortaleza.

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**. São Paulo: Campus, 2006.

BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise (orgs). **Comunicação Para a Cidadania: Temas e Aportes Teóricos-Metodológicos**. São Paulo: Intercom, 2010.

BENEVIDES, Fernando Vasconcelos. **LACE, o uso da Comunicação para a Educação**. Recife: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 1 CD-ROM.

BENEVIDES, Fernando Vasconcelos. **A relação Educação, Comunicação e Cidadania**. Fortaleza: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 1 CD-ROM.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Hacker, 2001.

CARR, Nicholas. **The Shallows**. New York: WW Norton, 2010.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ONGs e cidadania**. São Paulo: Cortez, 1997.

LESSIG, Lawrence. **Free Culture**. New York: Penguin USA, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MODÉ, Giovanna; PRAZERES, Michelle. **Um mundo de mídia: diálogos sobre a comunicação e participação**. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004, v.1, p. 49-79.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos. Unisinos, São Leopoldo, v.3, n.1, set. 2001. p.112-128.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino. **Televisão, publicidade e infância**. São Paulo - Fortaleza: Annablume - Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software Livre e Inclusão Digital**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Contato. Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, ano I, nº 2, jan/mar. 1999, p. 19-72.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005, v.1, p. 11-14.

VASCONCELLOS, C. S. **Aula expositiva: ainda existe espaço para ela**. Revista de Educação – AEC. Brasília, n. 90, v. 23, p. 47-63, Janmar, 1994.

TORRES, Geciola Fonseca. **Megafone! A voz dos jovens no diálogo entre Comunicação, Educação, e Cidadania**. 2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Curso de Comunicação Social, UFC, Fortaleza.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Referências na internet

www.creativecommons.org.br

www.encine.org.br

www.entrelace.org.br

www.grim.ufc.br

www.tvez.ufc.br

www.usp.br/nce

ANEXOS

ANEXO A – Termo de compromisso assinado entre a ONG Encine e a escola

ANEXO B – Questionário de seleção dos professores aplicado pela Encine

ANEXO C – Questionário de seleção dos alunos do Lace pela ONG Encine

ANEXO D – Fotos produzidas pelos alunos do Lace Tais Maria

ANEXO E – Fanzines produzidos pelos estudantes do Lace Tais Maria